

Gazeta das Aldeias

N.º 2427

16 DE JULHO DE 1960

Sala

Est.

Tab.

N.º

Alimentos Concentrados

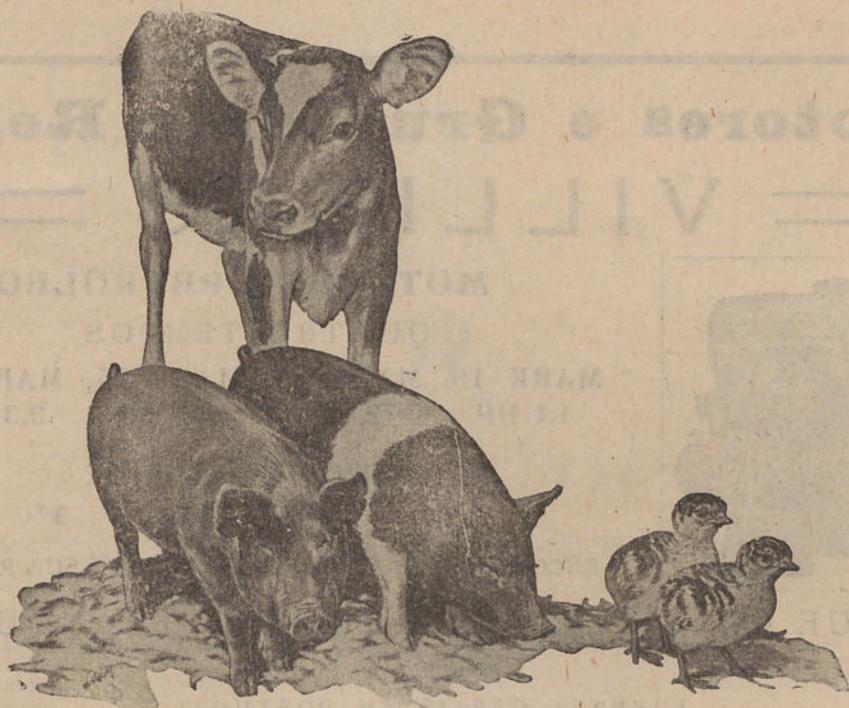


FARINHAS ALIMENTARES PARA GADO

SOJAGADO

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

FABRICAS EM OVAR—TELEF. 63 ● ESCRITÓRIOS: RUA DOS FANQUEIROS, 38-1.º—LISBOA



AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac*** é o produto que contém a Aureomicina*, (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

Peça ao seu fabricante ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

* Marcas Registradas

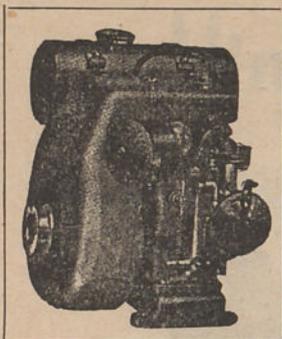
DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA
Rua do Santo António, 15-3.º—PORTO

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
 1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
 Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
 Telef. 53393 3532

Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, L.^{da}

PORCELANAS PARA USOS
 DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
 DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

A sua produção é considerada a melhor e a mais artística, rivalizando, em qualidade, com as estrangeiras.

LISBOA
 Largo do Chiado, 18
 PORTO
 Rua Cândido dos Reis, 18

E À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

1850

Os produtos da

UMUPRO

LYON — FRANÇA

3189



HELICIDE GRANULÉ — Produto eficazíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.^{da}, L.^{da}

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

NOVOS PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO
DA

BATATA



— *BIKARTOL* —

PREVENTIVO CONTRA O GRELAMENTO E APODRECIMENTO

Além das propriedades acima anunciadas, **evita as perdas de peso por desidratação**. Numerosas aplicações, efectuadas na passada campanha, pelos Srs. Lavradores, nossos estimados clientes, demonstraram ser este produto de **extraordinária eficácia, económico e de fácil aplicação**. Usar 1,2 a 2 kgs. de produto por tonelada de batatas.

— *KARSAN* —

PREVENTIVO CONTRA O APODRECIMENTO

Evitando também as perdas de peso por desidratação. Pode-se aplicar mesmo na batata de semente, pois **não afecta as propriedades germinativas** dos tubérculos. Permite conservar uma tonelada de batata (mais de 66 arrobas) com cerca de 400 grs. de produto.

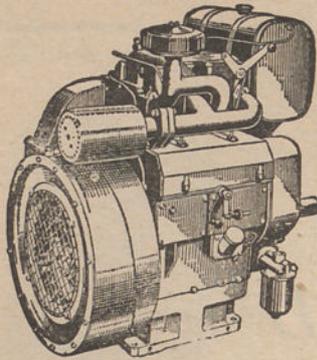
Tanto o *BIKARTOL* como o *KARSAN* não dão mau sabor nem chelro às batatas, nem são perigosos para a saúde humana. São ambos fabricados pela SCHERING de Berlim.

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA

Motores Diesel



RUSTON

OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LAGARES DE AZEITE, MOAGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

HARKER, SUMNER & C.^a, L.^{da}
PORTO—38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18— LISBOA

3074

Bosch

BOMBAS E INJECTORES
PARA TRATORES E SUA REPARAÇÃO
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH

E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

PORTO

R. Faria Guimarães 893
R. Passos Manuel 30

LISBOA

112 Av. Duque Loulé 120



3738

Lãs * Sedas
Algodões
Atoalhados
Malhas interiores
Malhas exteriores
Camisaria

V E N D E M O S M A I S B A R A T O

Armazéns Cunhas

P O R T O

ENVIAMOS SEMPRE AMOSTRAS SOLICITADAS

3618

A U N I F A

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «cicérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T, embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

GAZETA das ALDEIAS

(297)

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!



**Her
-mus**

O activador biológico das fermentações das

NITREIRAS, ESTRUMEIRAS, ETC.

Melhor do que uma máquina de fazer estrume

EFICIENTE - ECONÓMICO - PRÁTICO

(aplicado na dose de 1 para 5 mil)

3038

RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, L.da

75, Galeria de Paris, 77

P O R T O

Telefone, 25397



Senhores Lavradores

A «CASA MALTA» fornece nas melhores condições:

Máquinas Agrícolas de todos os tipos

Aduhos, Insecticidas e Fungicidas para todas as culturas e tratamentos, tais como: Acticupro, Ultraenxofre, Cobre Sandoz, Sulfato de Cobre inglês, Thiovit, etc., etc.

Sementes para Horta, Jardim e Pastos, incluindo bolbos recebidos directamente da Holanda, Jacintos, Narcisos, Iris, Tulipas, Ranúnculos, Anémons, etc., etc.

No interesse de V. Ex.^a, consulte sempre

Malta & C.^a Lda.

Rua Firmeza, 519 — PORTO — Telefone, 20315

2037

VINHOS

8503

Todos os produtos legalmente autorizados para a indústria vinícola

Material de Adega e acessórios para todas as aplicações

Material de laboratório, reagentes e análises

TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

Consultar sempre:

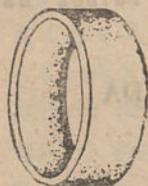
A. DUARTE

(Organização Técnica de Enologia)

Rua do Arsenal, 84-2.º Esq. — LISBOA 2

Telefone, 366284

3199



Argola para poços



Tubos de cimento

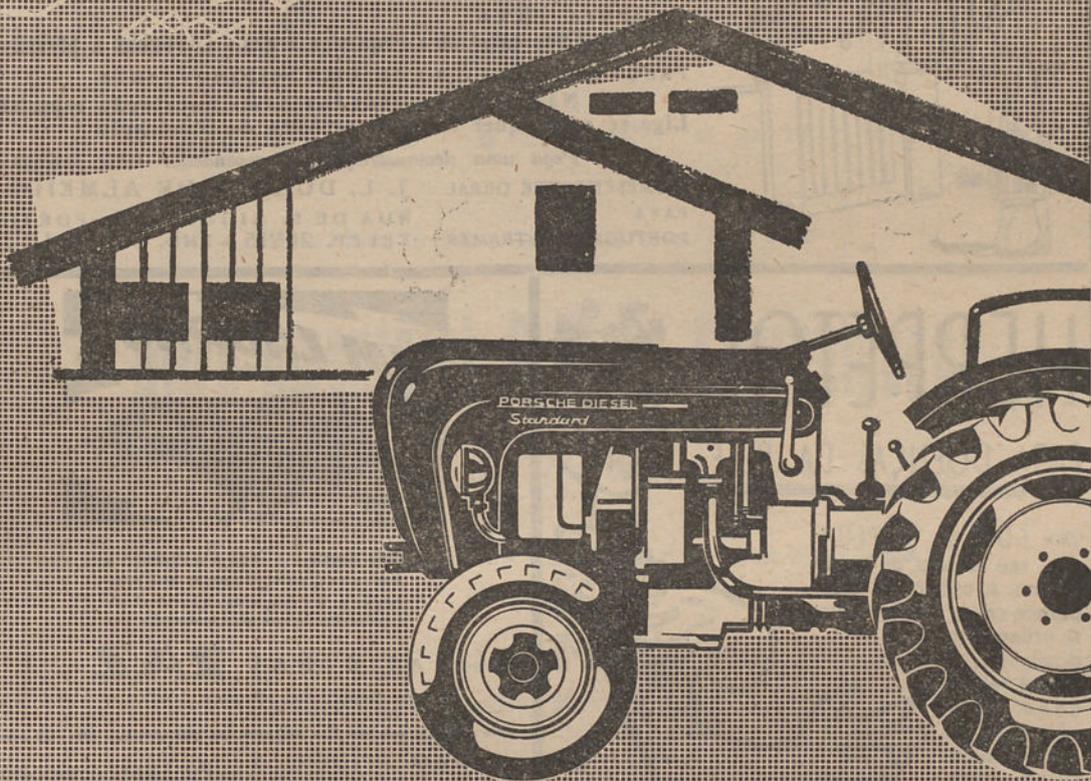


Peças para minas

A INDÚSTRIA DO BARBEIRO

VILA NOVA DE FAMALICÃO-Telef. 115

Fábrica de: Tubos de cimento para a condução de água a qualquer pressão, Blocos, Argolas para poços, Peças para minas, Postes para Iluminação Pública, Barricadas em cimento para sulfatação. Chamamos a atenção para as peças para minas, tubos e argolas de cimento, por ser um fabrico ainda bastante desconhecido e de duração sem confronto. Armazém de: Ferragens, Drogaria, Telha, Cimentos, Cal hidráulica, Cal gorda, Sal, Aduhos químicos, etc.



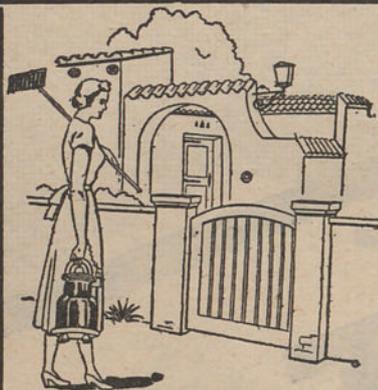
**A MAIS PERFEITA E COMPLETA FONTE
DE ENERGIA AO SERVIÇO DA LAVOURA**

- GRANDE VARIEDADE DE POTÊNCIAS • MODELOS ESPECIAIS PARA VINHAS, POMARES E CULTURAS EM LINHA • COMPLETA GAMA DE ALFAIAS
- O ÚNICO QUE APRESENTA EMBRAIAGEM HIDRÁULICA

— MECANICOS ESPECIALIZADOS EM TODAS AS AGÊNCIAS DISTRITAIS —

PORSCHE-DIESEL

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES SUCRS. LISBOA - Évora - PORTO - AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS



"VIBRO-VERTA"

SUBMERSÍVEL

BOMBA ELECTROMAGNÉTICA

PRÓPRIA PARA:

Usos caseiros - Pequenas regas - Lavagens a pressão

PREÇO ECONÓMICO * CONSUMO INSIGNIFICANTE

Não requer cuidados nem instalação especial
Liga-se a qualquer linha monofásica da iluminação

Peça uma demonstração ao revendedor mais próximo

REPRESENTANTE GERAL
PARA
PORTUGAL E ULTRAMAR

J. L. DUARTE DE ALMEIDA
RUA DE S. MIGUEL, 61—PORTO
TELEF. 26515—END. TELEG. IPO

3047

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostes, espinhas, erupções ou ardência na pele.



A venda em todas as farmácias e drogeries

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237—LISBOA



Que ameaça a vida e a economia dos povos, pelas doenças que propaga e os haveres que destrói. Façamos-lhe guerra por intermédio dos

RATICIDAS **ZAZ**

Destruidores de Ratos, Ratazanas, Toupeiras, etc.

ZAZ FORMIGA—Excelente composto em pó, para a destruição de toda a espécie de formigas.

Caixas de: 20 - 50 e 100 gramas.

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Deposítário no PORTO:

Drogaria Granado

Fábrica dos Produtos ZAZ

Quinta de Santo António—COVILHÃ

Não encontrando, dirijam-se ao fabricante.

3642

SEMENTES

VER, OUVIR E CALAR... NÃO!

Veja, ouça... mas diga a toda a gente o que são e o que valem as nossas sementes. Para semear já, recomendamos:

ALFACES—BETERRABAS DE MESA E FORRAGEM—COUVES PENCA—COUVES TRONCHUDA—COUVE LOMBARDA—COUVE BRÓCULO—COUVES FLORES—REPOLHOS—CENOURAS—RABANETES—ESPINAFRES—PINHÕES—TOJOS—GIESTAS—LUZERNA—TREVÓ ENCARNADO—TREVÓ SPADONI—TREVÓ BERSIM—TREVÓ DA PÉRSIA—EUCALIPTOS—LAWN-GRASS—RAY GRASS—ETC., ETC.

E TODAS AS VARIEDADES DE FLORES DE SEMENTE E BOLBOS

Se desajar semear e colher... prefira as sementes que, com todo o esmero, lhe fornecemos

A «SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mouzinho da Silveira, 178 — Telef.: 27578 e 33715 — PORTO

Catálogo Ilustrado—Em distribuição grátis

1862



Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

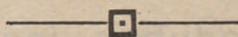
com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta MAIS BARATO.

Pode applicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A

R. do Comércio, 49



P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

ácido tartárico italiano Montecatini

"antiga marca appula"



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

2925

SUMÁRIO

Tem a palavra a Lavoura	521
O problema agrícola português visto pelo Senhor Secretário de Estado da Agricultura, em entrevista concedida à «Gazeta das Aldeias»	522
A empresa agrícola do tipo familiar — problema europeu — <i>eng. agr. Armando Cândido Ferreira</i>	527
Alguns aspectos do problema agrário — <i>eng. agr. José Augusto dos Santos Varela</i>	530
Recordações de uma viagem à Itália — <i>Professor C. M. Baeta Neves</i>	553
Publicações	556
A produtividade da oliveira e o sistema de formação da copa — <i>eng. agr. Francisco José de Almeida</i>	557
A fertirrigação, um caminho para maior elevação de rendimento — <i>M. C.</i>	540
Problemas de viticultura — Características culturais dos porta-enxertos e factores determinantes da sua escolha. O caso português — <i>eng. agr. Alfredo Baptista</i>	541
Actualidades mundiais — <i>Servin-gador</i>	542
Colmeias-piloto — <i>eng. agr.º nome Vasco Correia Paixão</i>	544
Organização Corporativa — A Junta Nacional dos Produtos Pecuários e a produção lanar — <i>médico veterinário José Carrilho Chaves</i>	545
Ainda a «Peste suína africana»	547
Caça e Pesca — Agua doce — <i>Almeida Coquet</i>	548
Secção Feminina	550
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	552
— Arboricultura	553
— Viticultura	555
— Patologia vegetal	554
— Avicultura	555
— Medicina veterinária	556
— Direito rural	556
Informações	557
Intermediário dos lavradores	558

A NOSSA CAPA

Mostra-nos a gravura uma macieira em plena frutificação, mas o interesse da imagem não reside apenas nessa circunstância. É que, frente à gravura, não sabemos que mais admirar: se a perfeição e abundância dos frutos, se a graciosidade com que se encontram dispostos.

No entanto, do que estamos certos é de que o leitor concordará connosco em que o quadro é, no género, de invulgar beleza.

(Fotografia gentilmente cedida pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas).

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %/0

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR
LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas (U. P.)

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO * Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

Tem a palavra a Lavoura

A propósito das notas aqui publicadas, em que se tem vincado a necessidade urgente, imperiosa, de a actividade rural enveredar por novos rumos a fim de se libertar da situação difícil que tem atravessado, e que de ano para ano mais se agrava, temos colhido de alguns dos nossos leitores, quer por escrito, quer de viva voz, a opinião de ser desnecessário mudar de rumo, seguir novos conceitos, para que o agro compense satisfatoriamente os que o trabalham.

Entendem, na generalidade, aqueles que se nos dirigiram ou com quem falamos, ser bastante para que a situação actual se modifique favoravelmente — não apenas para o agrícola, mas para a colectividade — que lhes seja dada a possibilidade de adquirir sementes seleccionadas e fertilizantes a preços mais acessíveis, de modo a poderem aplicar estes últimos nas quantidades necessárias. A par disto, eliminar a acção do intermediário que, na generalidade, não favorece, antes prejudica, quer o produtor quer o consumidor.

Além disto, e ainda para benefício do que colhe e do que consume, facilitar-se, sob todos os aspectos, os transportes e a distribuição dos produtos.

Sem dúvida que algumas facetas destes problemas merecem atenção e serão resolvidos por quem de direito.

Mas será isto bastante para que a nossa Agricultura possa ocupar o lugar a que tem jus? De modo algum.

De facto, nós não somos hoje totalmente independentes, nas nossas actividades produtoras, quaisquer que elas sejam. Na produção agrícola, que fundamentalmente interessa a estas páginas, temos de adaptarmo-nos às exigências dos mercados que se nos abrem em virtude de acordos feitos, adaptação que nos impõe, para sobrevivermos, seguir rumo diferente do até agora trilhado. Sem isso, não poderemos sair do marasmo em que nos debatemos.

Terminamos como começamos: tem a palavra a Lavoura.



O problema agrícola português

visto pelo Senhor Secretário de Estado da Agricultura, em entrevista concedida à «Gazeta das Aldeias»

MUITO se tem falado e escrito acerca da posição da Lavoura portuguesa perante a nova estrutura económica europeia e as medidas de fomento promulgadas pelo Governo da Nação com vista a colocar o nosso País em condições que lhe permitam competir com as demais nações a que se encontra economicamente ligado.

A «Gazeta das Aldeias», pela pena de alguns dos seus colaboradores, já tem versado, desenvolvida e proficientemente, vários aspectos do momentoso problema.

Não obstante, a sua magnitude é de tal ordem que fez despertar em nós o propósito de ouvirmos, para mais completa elucidação dos nossos leitores, alguém que, pela posição, pelo conhecimento do assunto, pelos dotes de inteligência, estivesse em condições de abarcar o problema em toda a sua amplitude e complexidade.

Esse alguém não poderia deixar de ser o Senhor Secretário de Estado da Agricultura, Eng. Quartim Graça, visto reunir, em ampla medida, os enunciados requisitos.

Posto Sua Excelência ao corrente dos nossos desejos, prontamente se dignou dar-nos a sua penhorante anuência, o que, além de constituir uma honra para nós, bem demonstra a solicitude que devota aos interesses da Lavoura, solicitude essa, aliás, já de sobejo comprovada no desem-

penho dos vários cargos a que, por mérito próprio, tem ascendido.

Pela primeira, daqui endereçamos ao Senhor Secretário de Estado da Agricultura o nosso mais profundo reconhecimento; pela segunda, o nosso inteiro aplauso e sincera admiração.

• • •

Esboçada a ideia, logo se lhe seguiu a execução: um representante nosso, amavelmente recebido, avistou-se com aquele ilustre membro do Governo, que, após breve troca de cumprimentos, iniciou as suas considerações, dizendo:

— Dificil será acrescentar algo de novo ao que se tem dito, nas múltiplas declarações feitas em meios e circunstâncias o mais diversas, na preocupação que tem norteado a Secretaria de Estado da Agricultura de agitar e esclarecer aspectos fundamentais do nosso problema agrícola.

— Foi precisamente o mesmo desejo de agitar e esclarecer esses aspectos fundamentais que levou a «Gazeta das Aldeias» a solicitar o valioso depoimento de V. Ex.^a acerca do assunto.

— É evidente que os novos conceitos quanto a agrupamentos económicos, que

se estruturam hoje na Europa, não nos podem deixar indiferentes tanto mais que a um deles pertencemos.

Mas quer na EFTA quer no Mercado Comum, os problemas agrícolas, pela sua estrutura tão especial, são considerados um caso à parte sujeito a cautelas que circunstâncias várias facilmente compreensíveis impõem. É que, da sua análise mais profunda, outras facetas e fundamentais ressaltarão.

— Conclui-se, portanto, que as actividades agrícolas, dada a diversidade de condições em que se exercem, de país para país, constituem um caso especial na nova estrutura económica internacional...

— Que assim é, que a agricultura na velha Europa — sofrendo os embates crescentes que as novas técnicas, as facilidades de comunicações e de transportes e as imensas possibilidades de uma agricultura industrializada por parte dos países de outros continentes lhe trazem — não pode ser considerada e analisada como um todo, demonstra-o, com manifesta clarividência, a resolução tomada há poucos anos pela F. A. O. de promover um estudo das condições de produção agrícola dos países da bacia do Mediterrâneo, europeus e extra-europeus.

— E esse estudo, Senhor Secretário de Estado, está já concluído ou, pelo menos, adiantado?

— Nas monografias já publicadas do Plano de Desenvolvimento do Mediterrâneo não figura Portugal, que quanto aos problemas agrícolas se considera normalmente, pelas suas afinidades ecológicas, incluído na Zona, nem a França e Itália, precisamente por já disporem de Planos próprios, que na generalidade se enquadram nas linhas estabelecidas no esquema da F. A. O.. E como se sabe ainda recente-



ENG. QUARTIM GRAÇA
Secretário de Estado da Agricultura

mente reuniu no País — e com o maior êxito, quer sob o aspecto técnico quer quanto ao prestígio nacional, aprez-me sublinhá-lo — a Sub Comissão de Coordenação dos Problemas Florestais Mediterrâneos «Silva Mediterrânea».

— Os estudos efectuados têm sido já influenciados, no plano nacional, pelas conclusões da F. A. O. e pelas implicações resultantes dos acordos internacionais?

— Alguns aspectos do capítulo «Agricultura», do II Plano de Fomento, visam equacionar problemas da produção agrícola nacional intimamente ligados com a nossa posição geográfica dentro dos «espaços económicos» agora considerados. É certo que o II Plano não abrange ainda

todas as facetas que possam considerar-se e algumas há, basilares, que serão por certo tidas em conta na estruturação, já considerada, do III Plano.

Em agricultura, os problemas são, por força de circunstâncias inamovíveis, de resolução forçosamente lenta e por isso necessitam de um prudente estudo para que na execução se actue com firmeza e objectividade porque os resultados só se atingem à distância.

— Não deverá deduzir-se que se verifica um atraso evolutivo na estrutura agrária, isto é, que a agricultura se encontra em posição de inferioridade em relação a outras actividades?

— Na análise da história económica dos nossos dias ressalta claramente que, na velha Europa, houve manifesto e imprudente desfasamento entre a evolução técnico-económica da indústria e outras actividades, em relação à da agricultura, com o conseqüente desequilíbrio que hoje se verifica e suas repercussões económicas e sociais. Os factos são diversos, conforme as características dos meios mas, em última análise, as conseqüências são as mesmas: uma minimização da economia agrícola, que não pode acompanhar a evolução verificada em outros ramos vitais, com as suas repercussões entre as quais a do êxodo rural, que pela sua intensidade tantas preocupações está trazendo a alguns países.

— Entende V. Ex.^a que a diminuição da população agrícola activa, embora perturbe, inicialmente, a economia das explorações, é do mesmo modo prejudicial quando essas explorações se encontrem devidamente estruturadas?

— É evidente que o problema não pode ser apreciado de uma forma genérica e eis um dos aspectos, como tantos outros relacionados com a vida agrícola,

em que as comparações, para terem validade, só podem ser feitas adentro de certos limites. Se um País tem condições naturais e geográficas que lhe assegurem uma intensa actividade industrial e em contrapartida dispõe de fraca predisposição para a agricultura, como a Inglaterra, por exemplo, em que a população activa agrícola não ultrapassa 5 o/o, o problema apresenta-se já um tanto diverso do Luxemburgo, também com características industriais, mas já com 17 o/o da população agrícola; mas é totalmente diferente do caso da bacia do Mediterrâneo onde as características agrícolas prevalecem na generalidade dos casos ou em grandes parcelas dos países considerados.

E quando, como no caso português, a população agrícola activa, que hoje, quanto a homens válidos principalmente, deve estar longe dos 47 o/o considerados no último censo, atinge números ainda elevados, nomeadamente em várias regiões do País, os problemas suscitados são sob vários aspectos mais graves.

— Referiu-se já V. Ex.^a ao «êxodo rural», mas a acuidade do problema leva-nos a uma impertinente insistência: não será esse movimento populacional uma característica da evolução económica dos povos?

— O «êxodo rural» é uma conseqüência inevitável da evolução das técnicas e de conceitos. Mas o despovoamento a que me referi tem trazido problemas, os mais diversos, mesmo em países ou regiões consideradas sobrepovoadas. É que o que emigra dos meios rurais, quer para fora do continente ou do País, quer para os meios industriais e urbanos é, na generalidade, o mais jovem e o mais evoluído. Ficam assim os meios rurais entregues, quantas vezes, aos menos aptos e aos decadentes. Não só no campo das «elites», mas no do trabalho humano.

E assim zonas há que não só se despo-voam como se inferiorizam progressivamente; não só não progridem, mas tornam-se até mesmo sub-evoluídas.

Este quadro, para alguns possivelmente carregado, para outros de mera especulação, não se verifica apenas em Portugal. É uma realidade naqueles países, tidos como mais progressivos e onde as atracções para a saída dos campos foram mais intensas. Por isso mesmo procura-se neles, activamente, corrigir uma situação cujos efeitos deletérios são já manifestos.

— Por que meios se poderá conseguir essa correcção?

— É evidente que, na nossa época, a agricultura tem de ser conduzida por forma totalmente diferente do passado, o que exige uma preparação profissional em todos os escalões da técnica e da mão-de-obra, um equipamento, uma estrutura da propriedade e uma racionalização dos processos de cultivo, armazenagem, conservação e normalização dos produtos e sua comercialização, inteiramente nova. Este conjunto constitui a verdadeira, pacífica mas construtiva «revolução na agricultura».

E como consequência e corolário uma menor massa humana entregue directamente aos trabalhos agrícolas e com a inerente melhoria das condições não só de salário, mas de vida. Porque uma das bases da fixação das populações nos meios rurais — mesmo que exerçam actividades não agrícolas, o que se torna necessário a uma boa distribuição da mão-de-obra e libertar a agricultura de encargos incomportáveis — é a habitabilidade em condições convenientes e outras atracções de vida social e de convívio.

— Impõe-se, portanto, promover condições que fixem à terra as popu-

lações agrícolas e rurais. Permita-nos, porém, V. Ex.^a uma pergunta: devem essas condições fazer-se sentir em extensão e profundidade, chegando à transformação das estruturas e tendo em conta o potencial económico de cada zona?

— Exactamente por isso é que, com características diferentes conforme os meios naturais e gravidade das situações atingidas, hoje os governos preocupam-se com a estruturação dos grandes planeamentos regionais conduzidos sob formas diversas, mas com o objectivo comum da valorização de zonas, ou menos evoluídas ou que entraram em degressão, e através de um melhor equipamento e distribuição de actividades e população.

Como se trata de zonas normalmente de estrutura agrícola predominante, na condução dos planeamentos considera-se o problema agrário como fundamental e para o valorizar todas as outras actividades que possam ser consideradas.

— O problema não é, por conseguinte, apenas agrícola, mas, sim, de carácter rural...

— É o que se passa por exemplo em Itália, através da obra «Cassa per il Mezzogiorno», na Bélgica da «Société Nationale de la Petite Propriété Terrienne», em França pelas «Sociétés de Aménagement Ruraux», e mesmo na vizinha Espanha quanto aos Planos de Badajoz e de Aragão, por exemplo, planos intimamente ligados ao sector da agricultura.

— E em Portugal, Senhor Secretário de Estado, está a seguir-se idêntico caminho?

— Estamos pois em presença de uma série de factores dos mais complexos e que se exigem ponderação, exigem, também, um íntimo entendimento entre todas as entidades e actividades participantes,

um largo esclarecimento para os directa e indirectamente interessados e uma firme decisão na condução das operações.

Estamos procurando dotar os serviços de equipamento e elementos técnicos e definir directrizes adentro das grandes linhas gerais do II Plano de Fomento, mas também procurando que o pessoal se compenetre da missão actual do técnico agrário que é sem dúvida das mais difíceis e delicadas da hora presente.

— E esses objectivos, Senhor Secretário de Estado, estão a ser praticamente atingidos?

— Atestam-no os «cursos de actualização de conhecimentos para técnicos» que têm decorrido com a maior utilidade e considerado aspectos fundamentais para as várias regiões do País; os convívios estabelecidos nos Conselhos Regionais de Agricultura entre lavradores e técnicos; as conferências divulgadoras dos grandes problemas do II Plano — de que já está publicado o 1 Volume — e

que prosseguem com o mesmo interesse e objectividade; as recentes e eficientes «Jornadas Florestais»: monografias realizadas ou em curso dos «Grupos de Trabalho», nomeadamente dos «problemas técnicos ligados ao regadio»; das culturas industriais; do fomento pecuário; da mecanização agrícola; dos aspectos técnicos e sociais das estruturas; da juventude rural, etc., etc.

— Podemos, pois, concluir que tais medidas conduzirão, sem dúvida, à necessária evolução agrária que, no fundo, está no espírito e nos anseios da Lavoura...

— Certamente. Mas não podemos esquecer que, em última análise, será a nossa Lavoura no seu conjunto, e como elemento base da produção que é, que terá de amoldar-se às circunstâncias presentes, partilhar do apoio e das responsabilidades do Estado e não esquecer as dos técnicos, que também as têm, e realizar uma Obra que não é só vital para o seu futuro como para o próprio País.



A EMPRESA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR — PROBLEMA EUROPEU

Métodos usados para a criação de unidades agrícolas econòmicamente viáveis

Pelo eng. agrónomo ARMANDO CÂNDIDO FERREIRA

NOS dois artigos anteriores (1) tentamos pôr ao corrente os leitores desta *Gazeta* dos objectivos e das principais conclusões do seminário de Zurich, convocado, há pouco mais de um ano, pela O E C E.

Conforme se prometeu, vamos abordar, agora, os métodos preconizados naquela reunião internacional para a criação de unidades agrícolas econòmicamente viáveis.

Este assunto foi excelentemente apreciado numa das sessões plenárias pelo Dr. Tanner, técnico agrícola suíço de reconhecido valor e competência. Será com base na sua dissertação e ainda na do alemão, Dr. Kuss, que noutra sessão plenária versou o tema do desenvolvimento e do progresso dos métodos de gestão nas explorações agrícolas, que procuraremos dar a conhecer, embora em resumo, o pensamento existente nesta matéria nalguns dos principais países da Europa Ocidental.

A criação de unidades agrícolas econòmicamente viáveis pode resultar de intervenções exteriores, tendo por finalidade a constituição de novas unidades ou o aumento da superfície daquelas que não são viáveis ou, ainda, dum acção interior à própria exploração, isto é, aumen-

tando a sua produtividade sem acrescer a respectiva superfície.

A primeira modalidade está normalmente ligada a uma acção directa ou indirecta do Estado que, por meio de medidas legislativas convenientes, orienta a evolução da estrutura agrária de acordo com as necessidades econòmicas e sociais de cada país.

Como se sabe, a superfície adequada para constituir explorações viáveis varia com a conjuntura econòmica e a evolução das técnicas de produção.

Duma forma geral, pode dizer-se que aquela superfície tende a aumentar como consequência da própria evolução técnica, pois a imprescindibilidade de produzir aos mais baixos preços de custo implica, necessariamente, o aumento da produtividade dos factores de produção e esta só se alcança por uma progressiva mecanização e motorização, que exigem áreas mínimas para se tornarem econòmicas.

Esta circunstância, só por si, obriga a modificar, por vezes profundamente, a estrutura agrária de muitas regiões, principalmente daquelas que, por circunstâncias várias, não têm acompanhado o actual ritmo de progresso económico e social.

Com efeito, na maioria dos países europeus predominam as estruturas desequilibradas, inadaptadas às necessidades da época, traduzidas quer por um predo-

(1) Ver números 2414 e 2421, respectivamente de 1 de Janeiro e 16 de Abril do ano corrente.

minio das pequenas ou pequeníssimas explorações quer pelo domínio do latifúndio ou da grande exploração.

É essa a razão por que estão em curso, em muitos deles, medidas de reforma agrária, consideradas imprescindíveis para resolver os problemas económico-sociais da agricultura.

A constituição de explorações agrícolas economicamente viáveis pode efectuar-se através dos seguintes processos que não devem, evidentemente, considerar-se isoladamente mas sim dentro dum planeamento agrário regional:

a) por meio do parcelamento, criando núcleos de explorações viáveis do tipo familiar em terrenos provenientes das grandes propriedades privadas ou públicas, ou como consequência de vultosas obras de rega ou drenagem susceptíveis de valorizar incultos ou terras mal aproveitadas.

b) por meio do emparcelamento de zonas onde a propriedade se encontra pulverizada e dispersa, aumentando a sua área média por compra de terras, dentro dum plano conjunto de melhoramentos fundiários.

c) por meio de cedência de terras com facilidade de créditos pelo Estado, a pequenos cultivadores directos ou rendeiros, a fim de completar as suas explorações com as superfícies necessárias à unidade económica.

d) por meio de novos arrendamentos, dentro dum estatuto de renda actualizada, tendo como objectivo uma área de cultura economicamente dimensionada.

Os métodos citados fazem, em regra, parte, como se acentuou, de programas de reforma agrária, como são os que vêm sendo realizados, por exemplo, na Itália e Espanha em regiões onde predomina a macrofúndio ou o minimifúndio e em que o Estado, por meio de legislação adequada, intervém directa ou indirectamente por forma a conseguir a sua valorização.

De todos eles constitui, sobretudo, preocupação da reunião internacional de Zurich, o emparcelamento da propriedade rústica.

Segundo o Prof. Tanner, o emparcela-

mento, especialmente quando encarado no seu conceito actual, isto é, como uma medida colectiva de melhoramento integral duma região, é o processo mais eficaz e duradouro de modificar a estrutura das empresas agrícolas «pois, criando as condições necessárias ao aumento da produção e diminuição das despesas, liberta o agricultor dos inconvenientes do parcelamento excessivo e proporciona-lhe as condições indispensáveis à melhor organização da sua exploração e do seu trabalho».

Quer isto dizer que o emparcelamento constitui, presentemente, uma medida de reorganização agrária que não visa simplesmente a reunião das parcelas dispersas dos diferentes proprietários de determinada região mas sim uma acção mais ampla que tem por finalidade constituir explorações agrícolas economicamente viáveis. Este objectivo atinge-se não só por meio daquela reunião parcelar, mas também aumentando a superfície das explorações existentes pela aquisição das parcelas de outras propriedades consideradas inferiores, em área, à unidade mínima de cultivo económico e, ainda, melhorando a sua produtividade por meio duma maior e melhor intensificação cultural e mais aprimorada técnica agrícola.

Para alcançar tal finalidade, os trabalhos de emparcelamento envolvem, quase sempre, a realização de melhoramentos fundiários colectivos, como sejam obras de rega, de drenagem, de defesa do solo contra a erosão, de construção de estradas e caminhos vicinais, de electrificação, de abastecimento de águas às povoações, construção de habitações rurais, etc. etc. que constituem verdadeiras obras de colonização interna do maior interesse económico e social.

Numerosos países europeus, com destaque para a Alemanha Federal, Holanda, Suíça, Bélgica e Irlanda, têm procedido a vastas reorganizações agrárias pelo emparcelamento, com a preocupação de constituir explorações agrícolas economicamente viáveis.

Nestes países, como em muitos outros, o emparcelamento das terras ultrapassou há muito os objectivos primitivos, para desempenhar, de momento, um papel da

mais relevante importância técnica na reorganização agrária que, entre as suas finalidades, visa, precisamente, o aumento da superfície média das explorações não viáveis.

Vejam, agora, os aspectos que se referem à criação de unidades económicas, dentro do que se chamou "uma acção interior à própria exploração", isto é, através do aumento da produtividade sem necessidade de crescer, portanto, aquela superfície.

Como se sabe, o aumento da rentabilidade numa exploração agrícola pode realizar-se pela escolha de novos sistemas de cultura, adoptando uma combinação harmoniosa dos factores de produção, por forma a alcançar adequados índices de gestão ou de produtividade. Não basta que as pequenas explorações, como acontece muitas vezes, atinjam elevada intensificação cultural e altos rendimentos brutos, mas a que, normalmente, correspondem excessivos custos de produção e, portanto, baixa produtividade do capital e do trabalho.

Nestas explorações a inviabilidade económica identifica-se, em regra, com um baixo nível de vida do respectivo empresário e família.

Torna-se, sobretudo, imperioso que todos os países europeus, segundo as recomendações finais da Conferência, conjuguem os seus esforços no sentido de ser prestada aos agricultores intensa assistência técnica, a fim de obterem, tanto quanto possível, uma racionalização "interior ou vertical" das suas explorações agrícolas não viáveis, quer pelo acréscimo das produções unitárias, quer,

sobretudo, por uma melhor utilização da mão-de-obra, conducente a uma maior produtividade do trabalho.

Por outro lado, considerou-se, também, indispensável, para atingir a mesma finalidade, que os governos europeus dediquem a maior atenção ao problema da formação profissional, técnica e económica, dos agricultores, principalmente nas zonas onde predominam as explorações não viáveis e, ainda, que proporcionem os meios de acelerar a vulgarização, com o objectivo de difundir os melhores métodos de gestão das explorações e o desenvolvimento do cooperativismo agrícola.

Só desta forma, no dizer do Prof. Tanner, uma família pode, muitas vezes, sem crescer a superfície da sua exploração, aumentar os respectivos rendimentos e, portanto, o seu nível de vida.

O futuro da empresa agrícola do tipo familiar apresenta-se, assim, no Continente Europeu sob um prisma novo e com alentadoras esperanças de sustentáculo firme das populações rurais, com rumo a uma vida melhor.

Segundo o Prof. Tanner e com aprovação geral da Assembleia reunida em Zurich, "nem a exploração individual isolada dos Estados Unidos, nem o Kolose soviético podem servir de exemplo. A exploração familiar, difundida em toda a Europa Ocidental, baseada numa longa tradição e ligada intimamente ao desenvolvimento do nosso Continente, permanecerá, no futuro, o objectivo a atingir. Apenas é indispensável adaptá-la às necessidades da técnica moderna e dar-lhe a forma e superfície mais conveniente".



Alguns aspectos do problema agrário

Natureza e objectivos da Reorganização Agrária

Resumo da palestra proferida em Guimarães no dia 14 de Junho de 1960

Pelo eng. agr. JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS VARELA

Com notável regularidade e alto nível técnico tem continuado a realizar-se as conferências integradas no II Plano de Fomento.

A proferida pelo Eng. Santos Varela, em Guimarães, manteve mais uma vez aquele nível e teve um brilho literário invulgar.

Técnico distinto da Junta de Colonização Interna, trabalhando no Alentejo, o Eng. Santos Varela soube, pela clareza da exposição, pelos conceitos e pelo calor do seu entusiasmo «aproximar-se» do numeroso auditório que se poderia julgar distante dos problemas de que mais tem tratado. Foi mais uma prova a que se submeteu vitoriosamente a sua capacidade de conferente.

Agricultura é fonte permanente de anseios e de preocupações de toda a ordem, solicitando da parte de todos a melhor compreensão e exigindo, cada vez mais, que os diversos sectores com ela relacionados busquem, num movimento concordante, encontrar solução para muitos dos problemas que a afligem. Não se compreendem deformações profissionais descabidas, nem caprichos perigosos, pois acima de tudo o que importa é trabalhar de mãos dadas para atingir um objectivo comum. Uns e outros, agricultores e técnicos, após a análise e a ponderação dos problemas de cada sector, após a vitória nas batalhas parciais, esquecem-se, regra geral, de ganhar a guerra em que se encontram empenhados. Tal não pode suceder. Para atingir os objectivos, faz-nos falta a síntese, a visão conjunta dos problemas, a reconstituição da realidade.

Todos sentimos a necessidade de conjugar esforços para o progresso da Agricultura Nacional, para a sua modernização, para que ela possa seguir confiadamente, com renovado vigor, às grandes

linhas de rumo que a orientação económica contemporânea nos indica.

Para tanto, haverá necessidade de encararmos algumas soluções estruturais que parecem ferir o nosso sentimentalismo e deixar um travo de compreensível saudade por certas imagens da nossa infância e resignarmo-nos à aceitação de alguns sacrifícios imprescindíveis.

Em qualquer ramo da actividade económica, a respectiva acção tem de ser norteada pelo padrão da eficiência máxima. Seria, portanto, de estranhar que na agricultura as empresas agrícolas pudessem progredir, ter vida digna e equilibrada, à margem dos efeitos do caso geral.

As soluções, no campo agrícola, não são simples.

Não existem soluções simples para problemas complexos e, assim, a reorganização agrária deverá ser encarada como um somatório de medidas necessárias e indispensáveis a considerar dentro da solução conjunta do problema agrário nacional e onde se encarem também

outras que elas, muitas vezes, tornam possíveis ou completam.

Será o caso, por exemplo, da melhoria da relação custo da produção/preços agrícolas, através duma política económica atenta e clarividente e de medidas de assistência técnica junto da Lavoura.

É este o espírito que não poderia deixar de presidir às medidas de reorganização agrária encaradas no âmbito do II Plano de Fomento Nacional.

É fora de toda a dúvida que há imperiosa necessidade de promover as providências julgadas necessárias para a correcção das estruturas agrárias nacionais. Na verdade, alguns exemplos conhecidos, mas nunca demasiadamente repetidos para que possam ser convenientemente meditados, dão-nos uma ideia mais clara da dura realidade; assim, 49,9 % das empresas agrícolas, em número de 425 812, são do tipo familiar imperfeito, isto é, empresas em que o agricultor e sua família não podem tirar da exploração o rendimento bastante para suprir as necessidades fundamentais do agregado familiar. A par dos baixos índices de produtividade do trabalho e de eficiência técnica e económica da empresa, que o facto traduz, há ainda que aceitar que metade dos empresários agrícolas vive dependente das contingências do trabalho assalariado como meio de evitar a ruína económica; 95 % das explorações agrícolas do Continente têm menos de 10 ha de cultura arvense e ocupam apenas 32 % da área entregue a esta cultura; em contrapartida, as explorações de área superior a 200 ha representam 0,3 % do número global e ocupam 39 % da área cultivada, mais de $\frac{1}{3}$, portanto, da área total do País.

As explorações médias (com área cultivada entre 10 e 200 ha), que nos países de agricultura evoluída e de estrutura equilibrada acusam a maior representação, não passam entre nós de 5 % do número global com 29 % da área ocupada.

Dentro da nossa população activa agrícola, que é cerca de metade da do País, temos 60 % de trabalhadores assalariados, com um máximo de 89 % no Alto Alentejo e um mínimo de 36 % no Minho.

Em números redondos, cerca de 850.000 trabalhadores rurais, os tais 60 %, vivem em regime de assalariado na nossa Agricultura e, portanto, adregando trabalho quando há.

Quanto às formas de exploração da propriedade rústica, o panorama não é mais sedutor: a parceria agrícola, sob a forma imperfeita de «seareiro», viu nascer uma numerosa hoste de pequenos empresários sem meios, sem técnica, sem tudo, à excepção da solidez dos braços e da esperança no coração. Desbravaram matos e venceram charnecas, mas acabaram por ser vencidos pelos defeitos do sistema, vítimas da injustiça das quotas e do cultivo esgotante de solos fracos.

Estimativas idóneas avaliam em 40 % a superfície agrícola entregue à exploração por arrendamento. Em consequência da carência dum estatuto do arrendamento agrário, há uma impossibilidade gritante de regulamentar e proteger os interesses em jogo, tanto os do proprietário como os do rendeiro e, sobretudo, de poder defender a terra, impedindo a degradação do solo.

Esta falta de organização, que nos pode vir a comprometer perante as gerações vindouras, exige-nos uma urgente legislação sobre o arrendamento da propriedade rústica.

Tudo quanto foi dito parece esclarecer o lamentável e sombrio quadro da estrutura agrária portuguesa.

É certo que o êxodo rural, com a saída gradual ou acelerada de braços que ocasiona, pode em parte resolver alguns dos problemas de carácter estrutural na nossa agricultura, pois não só traria alívio ao sector primário, como deixaria de se sentir a gravidade e acuidade das crises periódicas de trabalho.

Seria dado, também, um forte estímulo para a mecanização da Lavoura.

A transferência natural de gente da agricultura para os outros sectores da actividade é uma consequência inevitável do progresso técnico e económico, o qual trouxe novas ferramentas, dispensando braços. No Portugal de hoje, há cerca de 49 % da população activa no sector primário, 28 % no secundário e 23 % no terciário. À medida que a industrialização

do País for progredindo, a nossa estrutura demográfica tenderá para o figurino dos países industrializados. Porém, quando o êxodo se processa desordenadamente gera-se um agudo flagelo social.

Para evitar um despovoamento intenso e descontrolado, verdadeiras sangrias humanas, é que os governos têm procurado criar condições de fixação à terra através de obras fundiárias que aumentam a capacidade produtiva dos solos, como as grandes obras de regadio e da colonização, instrumentos eficazes da reorganização agrária.

Com elas se aumenta a riqueza, se melhora a repartição do rendimento e se aumenta, sem depauperizar, o número de famílias rurais que a mesma terra anteriormente comportava.

Assim, com efeito, tem de suceder, para evitar que à terra fiquem apenas ligados os menos aptos, os incapazes, aqueles que nunca procuraram saber com que jeito nasceram. Importa, portanto, promover o acesso à propriedade no sector da população rural portuguesa sem terra e sem previdência social.

A indústria não pode constituir salvação económica quando a agricultura se encontra doente. Há que formar unidades autónomas e conceder aos que nelas e delas vivem um poder de compra e uma capacidade de consumo verdadeiramente satisfatórios, para que a indústria floresça e produza os esperados frutos.

A expansão económica decorre normalmente num movimento de estreita coordenação entre o progresso industrial e a modernização agrícola.

Não é, na verdade, com uma multidão de courelas dispersas, de cultivo anárquico e defeituoso, que se poderão realizar esquemas de defesa sanitária, eficientes e baratos, por forma a poder consumir, com vantagem, os produtos químicos que a indústria fabricar, nem tão-pouco sobre elas apoiar empresas devidamente mecanizadas, cujas necessidades em crescente evolução farão vingar uma indústria capaz.

Estas considerações são suficientemente elucidativas para se compreender a utilidade e a necessidade de um dos objectivos da reorganização agrária — o emparcelamento da propriedade rústica.

Há, assim, que promover a formação de empresas economicamente viáveis com poder de concorrência.

Empregando terminologia apropriada, diremos que a dimensão óptima coincide com a melhor produtividade global dos factores que concorrem na produção — Terra, Trabalho e Capital.

Se é certo que a economia tem um interesse primordial, isto não quer dizer que se não deva tomar em superior consideração o aspecto humano. Já Pio XII, em 1956, fazia notar que «a produtividade não é um fim em si. Cada homem, ao contrário, representa um valor transcendente e absoluto».

Os problemas económicos devem, por consequência, ser sempre considerados à luz dum critério humano.

Estamos desta forma chegados, pode dizer-se, à essência dos objectivos da reorganização agrária, porque as condições materiais que se pretende criar procuram apenas a dignificação e a valorização do trabalho humano e, através deste, a defesa da Família, do Lar, onde o Homem se completa e se prolonga.

Nesta ordem de ideias e no campo agrícola, deve ser fim a atingir, e quanto antes, a instituição de empresas agrícolas do tipo familiar perfeito, onde se pode recorrer ao auxílio dos meios mecânicos. Este tipo de empresa agrícola consegue alcançar bons índices de produtividade e proporciona um razoável nível de vida e, portanto, poder de compra entre a população rural. É, além disto, um factor de estabilidade social e de vitalidade no campo.

Já não são pois de admitir as courelinhas, as glebas de área abaixo da conveniente, pois o progresso técnico veio permitir a criação dum novo tipo de empresa familiar trabalhando áreas razoáveis, com técnica evoluida e bons resultados económicos.

As medidas de reorganização agrária encaradas no II Plano de Fomento Nacional visam criar condições para que entre nós floresça a empresa agrícola familiar, modernizada, capaz de defender a integridade e pureza de costumes da Família Cristã, capaz de ser forte esteio do Progresso e condição de estabilidade social.

Recordações de uma viagem à Itália

PELO PROFESSOR
C. M. BAETA NEVES

II

AINDA que o meu artigo anterior, de que este é por assim dizer a continuação, e o seguinte, não ofereçam ao leitor indicações técnicas de grande interesse prático e de utilidade imediata, mesmo assim julgo haver alguma vantagem em chamar a sua atenção para certos aspectos do que me foi possível observar durante a minha recente e rápida viagem a Itália; insisto pois, convencido de que de alguma maneira serei útil.

A comparação a estabelecer, em relação aos problemas enunciados, quando comuns com os nossos, as sugestões e ideias apresentadas, oferecem, pelo menos, oportunidade para se apreciarem de uma forma um pouco mais aberta esses e outros problemas de interesse nacional e as suas soluções possíveis.

Ninguém hoje pode viver fechado na sua «torre de marfim», fugindo às realidades da evolução dos povos; antes, os tempos que correm nos obrigam a sair dela e a percorrer, curiosa e avidamente, outros países e regiões, procurando pela observação directa a informação indispensável para se poder alcançar a melhor solução dos problemas cujo estudo e resolução nos caiba.

Por isso mesmo, em vez de recordações de viagem, resumidamente apresentadas

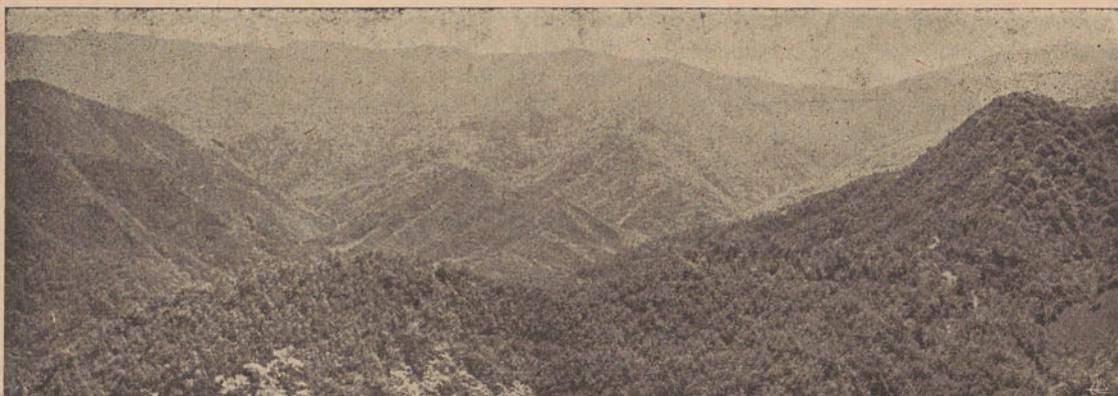
por um, bem melhor seria que todos, a quem os assuntos expostos dizem directamente respeito, vissem com os seus próprios olhos quanto a propósito pode ser visto no estrangeiro. Bem útil seria para todos nós.

...

Como o amável leitor naturalmente se lembra, tínhamos ficado em Campigna, local, na área das «Florestas Nacionais de Casentino» onde os Serviços Florestais têm uma «Stazioni» (subdivisão da «Amministrazione») e onde, além das ins-

Aspecto das montanhas (Apeninos) entre Forlì e Campigna (propriedades particulares).





A floresta de Campigna (ao fundo), parte das «Florestas Nacionais de Casentino» (Apeninos).

talações próprias, existe uma pequena pousada turística.

Para lá chegarmos houve que atravessar a região de Forli, o que permitiu apreciar os muitos casos de erosão das encostas, com o seu aspecto característico de enormes anfiteatros, arruinados pelo tempo.

É acima de tudo a geologia do terreno que a facilita e lhe dá essa feição muito especial.

Mas à medida que Campigna se aproxima, cada vez é mais chocante o contraste entre o aspecto degradado dos altos e encostas pertencentes a particulares (Fig. I) e o aveludado daqueles que estão englobados na área da «Foreste Demaniali Casentineni» (Fig. II—ao fundo).

E se outros benefícios não resultassem da presença do arvoredo, bastaria esse contraste para permitir atribuir-lhe vantagens extraordinárias, pelo menos sob o ponto de vista paisagístico.

Em Campigna (1.068 m.) os Serviços Florestais têm dois grandes edifícios destinados a instalar os funcionários, ou quaisquer outros que precisem de ficar naquele delicioso lugar, por razões de serviço. Soube-me bem ocupar um quarto de uma dessas casas, já pelo seu conforto e arranjo, já porque me senti no meu ambiente, habituado como estou a regalia idêntica entre nós, regalia que, como se vê, é por assim dizer apanágio da profissão, como naquele país, em Portugal e noutros.

As «Florestas Nacionais de Casentino», ocupam cerca de 10.000 hectares, na crista

e abas de uma pequena parte dos Apeninos, de 550 m. e 1.654 m. de altitude, entre as Províncias de Forli, Arezzo e Florença; o actual conjunto é formado pelas Florestas de Calmodoli, Badia Praglia e de Campigna, a primeira na posse do Estado desde 1866, depois de ter sido doada em 1100 pelo Conde Maldolo aos frades do convento de Calmodoli, e as duas últimas compradas pelo Estado em 1914, depois de terem pertencido, até 1280, aos condes de Guidi, depois à Catedral de S.^{ta} Maria da Flor (Florença) e por fim ao Grão-Duque de Toscana.

A área arborizada (8.450 hectares) está ocupada por 2.068 hectares de povoamento de origem artificial de abeto (*Abies alba*), 500 de arborização recente com diversas espécies indígenas e exóticas, 2.345 de faias (*Fagus sylvatica*), metade em talhadia e metade em alto-fuste, 2.737 de povoamentos mistos de abetos e diversas folhosas, 500 de talhadia de carvalhos e 300 de soutos, para fruto e madeira.

O predomínio da faia e do abeto dão-lhe assim um aspecto muito distinto de quaisquer povoamentos florestais das nossas serras, e daí a surpresa e o prazer sentidos, bellissimo como é o ambiente próprio; ou a imponência majestosa dos longos e direitos fustes dos abetos, apontados ao céu, como colunas de uma imensa catedral, ou a amenidade calmante do íntimo paradisíaco da talhadia de faias, onde a luz coada pelas inúmeras folhas nos oferece à vista e à alma, inegalável repouso.

Na crista da montanha, donde se divisa, para sul, uma larga e formosíssima vista, numa casa ali existente, instalaram, a Cátedra de Entomologia da Universidade de Pavia e os Serviços Florestais, uma «Estação de Entomologia Florestal» (Fig. III).

Deve-se tal iniciativa ao Prof. Pavan, organizador por sua vez da reunião em Itália que me proporcionou visitar e observar o que venho tão resumidamente descrevendo.

Bom seria que tal exemplo, nomeadamente pela rapidez com que essa Estação foi montada, quanto à autorização respectiva, fosse apreciado entre nós por todos aqueles que perante as ideias novas lhes falta a coragem de tomarem as resoluções rápidas que permitam aproveitar, no seu devido tempo, as oportunidades que se oferecem para facilitar e promover o progresso da Técnica, como da Ciência.

Mas a viagem às «Florestas Nacionais de Casentino» tinha como objectivo especial, dentro do programa, não só proporcionar a visita da tão formosa região, mas também dessa Estação e da «Reserva integral de Sasso Fratino», e permitir apreciar os resultados da tentativa de aclimação da *Formica lugubris*, trazida dos Alpes, trabalho realizado pelo Prof. Pavan.

Deixando este último assunto para o próximo artigo, ainda quero aproveitar

este para me referir a essa Reserva integral.

Deve-se também àquele Professor a iniciativa da sua criação, a qual foi, da mesma maneira, quase momentânea, tão rápida a resposta favorável dos Serviços Florestais perante a proposta feita.

De facto, teria sido um desastre se o corte, em consequência da orientação seguida na exploração, deitasse abaixo os lindíssimos exemplares de faia e de abeto que revestem a área de 50 hectares que ficaram a constituir aquela Reserva.

A sua travessia, do alto da montanha até ao sopé, durante cerca de 2 horas, pela inclinadíssima encosta abaixo, só podia ser descrita por quem, melhor do que eu, soubesse traduzir em palavras a comoção e o enlevo que nos causou a pequena aventura, o ambiente próprio, a beleza e amenidade deste, e a imponência dos troncos de árvores seculares que nos cobrem, rodeiam e protegem.

E embora já em tempos tivessem sido feitos ali alguns cortes, mesmo assim o aspecto é o característico das florestas virgens, embora das regiões temperadas; no meio da mistura de indivíduos de todas as idades, muitos seculares, imponentíssimos, com mais de 40 m. de altura, vêem-se ainda em pé velhos e majestosos troncos, truncados e cheios de cogumelos, acumulando-se sobre o solo as copas decepadas, e até árvores inteiras que os vendavais derubaram, em estado mais ou menos avançado do seu apodrecimento natural.

Para mim, entusiasta da Protecção da Natureza, esta minha primeira visita a uma Reserva integral, oficialmente reconhecida, proporcionou-me uma das mais fortes emoções sentidas durante a minha viagem a Itália.

De quanto mais me foi dado ver durante a estada nesse país, à parte o que diz respeito à *Formica rufa*, a tratar no próximo artigo, apenas quero ainda referir-me aos pinhais (Pinheiros bravo e manso) da «Marina di Ravenna», onde

A «Estação de Entomologia Florestal» da Universidade de Pavia e dos Serviços Florestais, na Floresta de Campigna.





Na «Reserva integral de Sasso Fratino»

almoçamos no dia do regresso a Pavia. Ai, frente ao Adriático, encontrei-me de novo no meu ambiente, difícil como era distinguir o aspecto daquela praia e da mata da Costa da Caparica ou de Monte Gordo!

* * *

De quanto julguei valer a pena divulgar como recordação da minha primeira viagem à Itália, para mim o que tem mais interesse, em relação ao que relatei neste outro artigo, é a existência de uma «Estação de Entomologia Florestal» e de uma Reserva integral nas «Florestas Nacionais de Casentino»; e isso porque ambiciono montar uma Estação idêntica entre nós (Sintra) e não uma Reserva integral, mas sim um Parque Nacional, no Gerês, pelo qual há muito me venho batendo sem ter alcançado ainda quanto é indispensável para se poder afirmar não só que esse Parque de facto existe (de acordo com a Convenção de Londres), mas também que da sua existência resulta qualquer coisa

de verdadeiramente útil para a Protecção da Natureza e para a Cultura e Ciência nacionais.

A visita a Itália teve assim, nesse particular, um enormíssimo interesse, não só porque me demonstrou que tinha razão no meu entusiasmo por essas ideias, mas também porque me permitiu apreciar um exemplo da maneira como ideias idênticas foram postas em execução.

Só é pena que tudo entre nós leve tanto tempo, quando não sirva para alimentar a avidez insaciável da curiosidade superficial dos leitores das letras mais grossas dos jornais diários.

Fot. do Autor.

PUBLICAÇÕES

Conservas de Frutas e Produtos Hortícolas
— pelo eng. agr. D. Maria Emilia Abreu Semedo.

Há já alguns anos que a Junta Nacional das Frutas promove a realização de cursos para donas de casa, sobre conservas de frutas e produtos hortícolas. Iniciativa integrada num plano de divulgação do consumo de frutas e, portanto, de melhoramento da tão desequilibrada dietética do português, teve ela o melhor sucesso em todos os locais em que esses cursos se realizaram. Lembramos ainda bem o êxito dos que no Porto foram levados a efeito, a sua grande frequência, o entusiasmo das instruendas, a proficiência de quem os regia.

Foi, sem dúvida, esse sucesso que levou a Junta Nacional das Frutas a publicar as lições do Eng. Agr. D. Maria Emilia Semedo, que desde início delas se encarregou, numa edição cuidada, atraente, primorosa mesmo, desde o texto e disposição, até às ilustrações e aspecto gráfico.

A qualidade da produção frutícola portuguesa, que pode ser um elemento de alto valor económico quando todos nos compenetrarmos de que a época do *amadorismo* acabou, qualidade nascida das condições agro-climáticas do nosso país, é ponto de partida seguro para uma campanha de intensificação de consumo, sendo uma das suas formas, tão ao gosto e na tradição da nossa gente, as conservas, compotas, geleias, etc.

Os conhecimentos actuais podem dar às nossas donas de casa uma grande ajuda para o bom êxito da doçaria que confeccionem. É essa ajuda, são os conceitos basilares da conservação das frutas, o «modus faciendi» que o autor lhes traz duma forma aliciante, recorrendo à ilustração profusa e perfeita.

Esta obra tem lugar certo na biblioteca da dona de casa para orientação dos seus trabalhos e regalo daqueles que os irão provar e... comer em larga escala.

Com imenso prazer felicitamos a autora, que é também distinta colaboradora da *Gazeta das Aldeias*, pois conseguiu levar a bem e com brilho uma difícil tarefa — fazer divulgação e excelente divulgação.

A produtividade da oliveira e o sistema de formação da copa

Cultura em sebe e sua técnica

Pelo Eng. Agrón. FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA

PUBLICOU a *Gazeta das Aldeias* um artigo intitulado «Novos rumos da olivicultura», da autoria do nosso prezado colega Madeira Lobo, no qual se faz a apologia da cultura da oliveira em sebe, espaldeira ou «bardo largo».

Tal processo, para cujo interesse Madeira Lobo chama a atenção de *técnicos* e *lavradores*, encontra-se em experiência em vários países olivícolas, especialmente em Itália, onde Breviglieri vem fazendo intensa propaganda a favor do referido processo.

Porque entendemos que não é assinado combater ideias só pelo facto de serem novas, nem se torna mesmo defen-

sável procurar desconhecê-las, mas porque, também, não achamos conveniente entregar-nos, com excessivo entusiasmo, à propaganda de um novo método ou processo cujo mérito não esteja plenamente confirmado, julgamos justificadas algumas considerações sobre o assunto, baseadas não ainda no ensaio do sistema, nas nossas condições, mas apenas na observação de factos e num razoável conhecimento da biologia da oliveira que supomos ter.

Após haverem caído em relativo desuso na própria França — que as concebera e difundira — as rígidas formas artificiais de espaldeiras de árvores de fruto, especialmente pereiras e macieiras, inspiradas naquela rigorosa geometria dos jardins de Versailles, surgiu, há quase 25 anos, uma nova concepção de cultura do mesmo tipo, mas na qual, porém, a redução da estatura das árvores se obtinha menos à custa de um intenso trabalho da secatória, com grande dispêndio de tempo e dinheiro, do que em virtude de um arqueamento ou empa dos ramos, dispostos segundo sebes ou cordões, com 1,5 a 2 m de altura, consoante o vigor do porta-enxerto utilizado.

Tais técnicas, que não enfermam do efeito desvitalizador inerente ao

Tendas armadas junto de oliveiras de copas altas e forma livre
(Ouezzane — Marrocos)





Oliveiras devidamente podadas e de conformação baixa na região de Méknès — Marrocos

primitivo sistema — e as quais não vamos agora descrever — têm-se difundido muito em França, Bélgica, Norte de África e várias outras zonas frutícolas.

No nosso País, a Repartição de Serviços de Culturas Arbustivas e Arbóreas, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, vem ensaiando com interesse a cultura de árvores de fruto segundo os citados métodos.

Nalgumas regiões do Norte de Itália foi o sistema utilizado na cultura da pereira, macieira e pessegueiro e isso deve ter sugerido a Breviglieri a ideia de o aplicar, com algumas modificações, à oliveira, trabalho que iniciou há cerca de 6 anos, estabelecendo, mais recentemente ainda, as primeiras plantações experimentais.

Assim, em três artigos publicados na revista *Itália Agrícola* (n.º 9 — Setembro de 1958; n.ºs 7 e 9 — Julho e Setembro de 1959) refere e ilustra o autor a adaptação do sistema à oliveira nas for-

mas de sebe e palmeta livre, que aconselha de modo entusiástico para as zonas do seu país onde esta espécie encontra favoráveis condições de desenvolvimento e para variedades de azeitona de mesa, ou de azeite, desde que as oliveiras não possuam excessiva arborescência. Preconiza então o autor um compasso na linha que poderá ir de 3,5 a 5,5m, consoante a variedade, e uma distância entre linhas de 4 a 5,5m. Vamos, de seguida, transcrever, o mais fielmente possível, a técnica aconselhada por Breviglieri:

Logo no viveiro, deverá ter-se o cuidado de fazer desenvolver, a partir de 70 a 90cm do chão, dois ramos laterais e um central, para se obter o 1.º andar; de outro modo, ter-se-ia de cortar a planta a essa altura para escolher depois os três melhores ramos, entre os quais um de prolongamento. Todas as ramificações restantes (ou a maior parte delas) se curvam para baixo,

Olival constituído por árvores de grande porte da casta *Pical*, formadas em dois pés (Jaen — Espanha)



apenas se extirpando aquelas que produzem grande enfeixamento de vegetação. (*)

Os citados dois ramos do 1.º andar deixam-se crescer mais ou menos livremente por dois a três anos, de modo a que se fortaleçam e, entretanto, despontar-se-á o do prolongamento a cerca de 70 a 100 cm (consoante o vigor e a variedade) para a constituição do outro andar.

Quando os dois ramos tiverem alcançado um desenvolvimento conveniente (isto é, o que se atinge justamente depois de dois a três anos) iniciar-se-á ou completar-se-á o arqueamento a cerca de 45 a 50º com o auxílio de um tutor ou fio, como se faz, facilmente, para a pereira e macieira. Em geral, não se corta o prolongamento dos ramos, os quais se ligam

(*) Esta forma de proceder, que é bastante vantajosa para o desenvolvimento da nova planta, cujo engrossamento favorece, não constitui novidade e, em Itália, é adoptada em viveiros industriais há já bastantes anos. A maior parte dos nossos viveiristas, porém, só se preocupa em obter oliveiras de grande altura, para o que mantem as plantas muito juntas, e abusa dos fertilizantes azotados, condições essas — fraca luminosidade e abundância de azoto — que estimulam o alongamento e o menor atempamento dos tecidos vegetais, factores que, por sua vez, tornam as jovens árvores mais sensíveis à transplantação e aos efeitos deletérios dos raios solares sobre os troncos durante o Estio.

por meio de torção com aqueles da planta contigua.

Para a constituição dos outros andares seguem-se normas análogas, tendo o cuidado de curvar os lançamentos dispostos ao longo do eixo central relativamente cedo na estação (fim da Primavera, princípios do Verão) se forem muito vigorosos; caso contrário, espera-se pelo Outono.

O desenvolvimento das ramificações que existem sobre cada ramo deverá porém ser regulado de início, efectuando-se de modo sucessivo o seu arqueamento ou curvatura para impedir um excessivo desenvolvimento e favorecer a frutificação e o acréscimo dos rebentos de substituição junto do ramo principal.

Evita-se deste modo a frequente necessidade de grandes cortes. Em particular, deverá manter-se dentro de certos limites o desenvolvimento dos ramos superiores (que tendem a assumir o predomínio) de modo a deixar bem guarnecidos os inferiores. Também se poderá recorrer à incisão anular.

Apreciaremos seguidamente, sob o ponto de vista da produtividade e economia, a *forma livre* ou *em altura*, a citada *forma em sebe* ou *espaldeira* e a *forma baixa arredondada*, aberta ao centro, para que deve evoluir o *vaso alto*.

Oliveira nova e de copa baixa da casta *Verdeal de Málaga*
(Jaen — Espanha)



A fertirrigação, um caminho para maior elevação de rendimento

— Por M. C. —

IV — A rega azotada aumenta a eficiência do adubo

É fácil de concluir que se pode obter, muito vantajosamente, uma divisão correspondente das aplicações de adubo, sobretudo do azoto, com o auxílio da fertirrigação. Pela combinação dos processos de rega com a adubação podem ser aplicados repetidamente a quantidades mais pequenas de azoto. Nisto parece especialmente vantajoso que a distribuição de adubo com a água de rega seja possível mesmo nos períodos de vegetação mais tardios, por exemplo, após a rebentação ou espigagem do cereal ou após o fecho dos granjeios culturais da batata, etc., o que se não pode conseguir com as máquinas espalhadoras de adubo. A divisão, no tempo, das aplicações de azoto conduz a uma diminuição do arrastamento por lavagem deste elemento, pelo que a sua eficiência, por unidade de peso, é correspondentemente elevada. Em trabalhos americanos evidenciou-se que, com rendimentos constantes, as economias de azoto na fertirrigação podem alcançar 20-25 % ou, reciprocamente, com quantidades constantes de azoto, se podem obter rendimentos adicionais correspondentes.

A divisão das aplicações de azoto têm, ainda, a vantagem de criar para a planta um fornecimento de adubo constante. O perigo de que o adubo, no fim do período de vegetação, caia no mínimo e limite os rendimentos, pode ser por isso considerado afastado.

Deve-se aqui considerar que, com a fertirrigação, o adubo é distribuído nas

proximidades da raiz, sob forma imediatamente assimilável, independentemente das chuvas naturais. Deve também tomar-se em atenção que os adubos se apresentam neste caso numa divisão fina e uniforme até agora não conhecida.

V — Mais altas e racionais aplicações de azoto na fertirrigação

Existe uma relação de quantidades entre a água e o adubo. Uma adubação elevada necessita, para a criação das condições óptimas, de uma aplicação de água mais elevada; reciprocamente, uma maior aplicação de água necessita também de uma maior aplicação de adubo. A água, na sua acção de dissolvente e transportadora de adubo, e a adubação constituem dois factores de crescimento dependentes um do outro, cujo funcionamento conjunto se traduz em que a limitação de um também diminuirá a eficiência do outro, dentro de determinados limites. Deve ser, também, notado que das condições do sistema água-adubo presentes na altura, também depende a eficiência de uma aplicação de rega ou adubo.

A limitação das aplicações de azoto, devida à pequena altura das chuvas naturais em locais secos, ou para evitar os fenómenos de plasmólise, pode ser resolvida por meio de aplicações de rega adicional. Aqui é especialmente favorável que as divisões, no tempo, das aplicações de rega artificial possam ser combinadas com as aplicações de correspondentes quantidades de azoto, no sentido de se obter uma maior eficiência, condicionan-

(Conclui na pág. 545)

PROBLEMAS DE VITICULTURA

Características culturais dos porta-enxertos e factores determinantes da sua escolha.

O caso português

Pelo eng. agrónomo
ALFREDO BAPTISTA

(Continuação do n.º 2426, pág. 503)

Outros híbridos complexos

150/15 [Berlandieri \times (Aramon \times Rupestris n.º 1)] — Pouco cultivado em Portugal, possui mediana resistência à filoxera e é sensível à humidade, o que o torna de utilização limitada; é, no entanto, resistente à secura e suporta até 15 o/o de calcáreo activo.

196/17 [(Mourvèdre \times Rupestris n.º 1203) \times Riparia Gloire de Montpellier] — Ainda pouco conhecido no nosso País, possui resistência à secura e suporta apenas até 6 o/o de calcáreo activo, o que o indicaria para os terrenos pobres e arenosos, com os do nosso Minho, por exemplo.

Porta-enxertos não identificados

Na viticultura portuguesa são ainda propagados vários porta-enxertos remanescentes dos primeiros tempos da reconstituição dos vinhedos devastados pela invasão filoxérica, oriundos de algumas formas de Rupestris, de Riparias, de híbridos de Riparia \times Rupestris e de Vini-fera \times Rupestris, da Vitis Labrusca, etc. e cultivados de maneira indiscriminada e sem qualquer preocupação selectiva, tais como: Rupestris metálica, Rupestris Martin, Rupestris Fort-Worth, Riparia pubescente, Aramon \times Rupestris n.º 2, etc. Trata-se de porta-enxertos de valor cultural já absolutamente deslocado e que não merecem ser utilizados.



Pelo contrário, outras formas reveladoras de interesse regional, fixaram-se na cultura com cuidado selectivo, muito embora ignoradas ou mal conhecidas quanto à sua verdadeira identidade. Estão neste caso, entre as mais conhecidas, o «Corriola», o «Cavalo de Perre» e o «Filipe» cultivados na Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Efectivamente, o «Corriola» tem confirmado, em grande parte daquela região, o interesse nele depositado, tal como o «Cavalo de Perre», nome dado na freguesia de Perre, de Viana do Castelo, ao híbrido cultivado neste concelho com o nome de Vialla, híbrido natural da videira americana «Vitis La-

ACTUALIDADES MUNDIAIS

Por SERINGADOR

Austria

O jornal *Neur Wein-Kurier* propõe a organização de intensa propaganda do vinho e sugere para o efeito a aplicação duma taxa de 1 0/0 sobre todo o acto económico relativo ao vinho, desde o produtor ao consumidor.

França

A Sociedade dos Peritos Químicos de França abriu um concurso com o objectivo de estimular a descoberta dum processo ou método de conservar em boas condições, durante a venda a retalho, o vinho contido em vasilhas de capacidade igual ou inferior a 600 litros. A Associação dos Adegueiros de França oferece um prémio de 500 NF.

No Concurso Geral Agrícola, efectuado em Paris, as Adeegas Cooperativas francesas receberam como prémio 64 medalhas de ouro, 63 medalhas de prata, grande modelo, 75 medalhas de prata e 74 medalhas de bronze. Os números trazem bem a qualidade dos vinhos apresentados a concurso.

brusca», e o «Filipe» (outro presumível híbrido de Labrusca); têm demonstrado o seu satisfatório comportamento nas terras adequadas daquele concelho do Minho.

Finalmente, o «Carcavelos» ou «Riparia de Carcavelos», como também lhe chamam, híbrido adoptado precipitadamente como panacea na Região de Oeste há poucos anos, e a tão conhecida e divulgada «Riparia branca», híbrido extraordinariamente vigoroso e de fácil enraizamento, razão da sua preferência por parte dos viveiristas pouco escrupulosos e da desprevenida atenção dos viticultores, são dois cavalos francamente nefastos à viticultura, da qual devem ser definitivamente banidos.

(Continua)

No xxxi Salão Internacional da Máquina Agrícola, realizado em Paris, confirmou-se a tendência para a generalização da motorização, mesmo de pulverizadores de dorso, e desenvolvimento progressivo da pulverização pneumática.

Um decreto publicado em Março do corrente ano obriga todos os comerciantes a declararem quais os vinhos que, em consequência de manipulações ou outras causas, perderam o direito ao uso da marca de origem. As infracções serão punidas com prisão de dez dias a um mês e multa de 400 a 1.000 NF (2.000\$ a 5.000\$). Em caso de reincidência a pena de prisão pode atingir dois meses e a multa 2.000 NF.

Os viticultores são obrigados, individualmente ou por intermédio das Adeegas Cooperativas, a declarar o quantitativo da produção de vinho. Essa declaração deve ser feita em Novembro, repetindo-se em Agosto a declaração embora referente à existência em Adega.

A confirmação destas declarações é feita por inspectores departamentais que visitam as adegas particulares uma ou duas vezes no ano e pelo contróle do trânsito de vinhos nas estradas.

Desta forma, a Administração francesa assegura o pagamento das taxas sobre o vinho e a eficiência da disciplina vitivinícola.

Em geral, os produtores estão satisfeitos, não obstante os encargos burocráticos, porque este é o sistema mais eficaz, pelo menos em França, para evitar a fraude.

Foi estabelecido entre a Itália e a França um acordo que fixa as marcas de origem dos vinhos dos dois países que merecerão de futuro recíproco respeito. É interessante acrescentar que a delegação francesa admitiu concordar com o uso da garrafa tipo Reno, somente nos vinhos italianos assim tradicionalmente engarrafados e cuja lista completa deverá ser apresentada pela delegação italiana.

Itália

O presidente do Senado fez submeter à apreciação da 8.ª Comissão Permanente

(Agricultura e Alimentação) um projecto de lei sobre «Definição e disciplina do emprego das marcas de origem dos mostos e dos vinhos».

O quinzenário vitivinícola *Il Torchio* publica um interessante artigo sobre o tema: «A disciplina das marcas de origem é um instrumento de valorização e de progresso vitivinícola».

Reuniu-se a Comissão Franco-Italiana para estabelecimento dum acordo entre os dois países sobre marcas de origem.

Portugal

O Gabinete de Estudos da Junta Nacional do Vinho forneceu à revista *Agricultura* um bem elaborado esquema da actividade daquele Organismo na construção de Adegas Cooperativas. Em resumo, é o seguinte o programa executado e em projecto na área da Junta Nacional do Vinho:

Adegas Cooperativas	N.º	Capacidade (pipas)
Em funcionamento	28	100.696
Em construção.	12	38.350
Com projecto em estudo	7	17.300
Previstas p/ futuro próx.	9	28.500
Ampliações em curso . . .	3	5.350
A ampliar em futuro próx.	6	13.900
		<hr/> 204.096

O relatório da Casa do Douro, referente a 1959, insere uma descrição do plano de construção de adegas cooperativas, cuja posição actual é a seguinte:

Adegas Cooperativas	N.º	Capacidade (pipas)
Em funcionamento	9	13.800
Em funcionamento (ampliações)	2	1.750
Em construção.	4	7.000
Com projecto em estudo	3	3.500
Com projecto em estudo (ampliações)	2	2.700
Em organização	7	8.000
		<hr/> 36.750

A fertirrigação, um caminho para maior elevação de rendimento

(Conclusão da pág. n.º 540)

do-se de forma a conduzir ao completo sucesso.

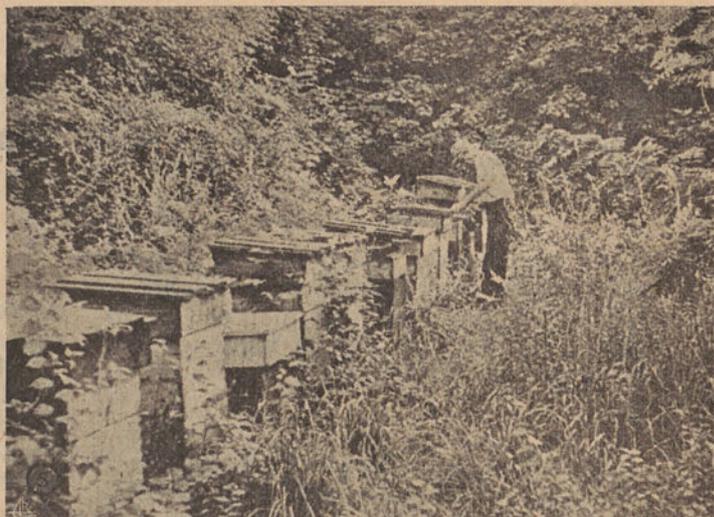
BUCHNER e PFHL referiram-se sucintamente a esta relação. Efectuaram experiências, em solo arenoso leve, sobre elevação do azoto em batatas temporãs e beterraba em combinação com a rega (mas não como rega adubada), tendo podido assegurar que o rendimento das aplicações de azoto, de 60 kg/ha para 140 kg/azoto/ha, portanto para mais do dobro, poderia ser ainda economicamente elevada. As superfícies adubadas com fósforo, potássio e 60 kg de azoto produziram não regadas 194 quintais, regadas 297 quintais de batatas temporãs; enquanto que as superfícies adubadas, com fósforo, potássio e 140 kg de azoto produziram não regadas 196 quintais e regadas 334 quintais de batatas temporãs/ha. Daqui se vê que a elevação do azoto de 60 para 140 kg nas superfícies não regadas não foi compensadora (194 contra 196 quintais), mas que, no entanto, o rendimento da adubação azotada de 60 kg/ha conjuntamente com a rega passou de 194 quintais para 297 quintais e alcançou 334 quintais contra 196 quintais/ha (diferença 138 quintais) com a adubação mais completa. Análogamente, foram obtidos bons resultados também com beterraba com adubação de azoto mais alta e rega sobre solo arenoso, os quais alcançaram um rendimento de cerca de 700 quintais/ha.

Nestes trabalhos os autores demonstraram que a rega eleva a eficiência da adubação por azoto, geralmente em mais do dobro, e que a influência favorável da rega sobre a eficiência do azoto é tanto maior quanto mais elevadas são as aplicações de azoto.

Também KOPETS num ensaio de rega adubada no qual utilizou, além de uma adubação completa de azoto, fósforo e potássio, soluções de estrume, pôde obter consideráveis aumentos de rendimento em batatas, feijões e beterraba.

COLMEAIS- -PILOTO

Felo eng. agrónomo
VASCO CORREIA PAIXÃO



Os apicultores verificam, todos os anos, na altura da cresta, que umas colónias dão boa colheita enquanto outras nada ou pouco produzem; trabalham unicamente, ou quase, para satisfazer as suas necessidades vitais.

É indispensável, por isso, eliminar as colónias que nada rendem e, ao contrário, multiplicar as que dão bom lucro; chama-se a isto fazer a selecção dos enxames.

Em todos os sectores da agricultura, quer na exploração vegetal, quer na animal, notáveis aumentos do rendimento unitário se devem já a esta operação.

Urge, pois, introduzir também semelhante prática nos nossos colmeais; não basta, porém, aconselhá-la para que ela seja logo aceite e executada.

O nosso apicultor é descrente, quer ver primeiro os resultados para depois se decidir a adoptar seja o que for.

Torna-se necessário, assim, arranjar quanto antes, em diversos pontos do País, alguns colmeais-piloto, como agora se diz, onde se executem todas as operações aconselháveis para a selecção das colónias; colmeais esses que ficarão depois à disposição de quantos se queiram inteirar da técnica seguida e dos resultados obtidos.

Nesta ordem de ideias, pois, o Posto Central de Fomento Apícola — Tapada da Ajuda, Lisboa 3 — aceita inscrições para a formação de alguns colmeais-piloto entre os apicultores mobilistas que desejem colaborar nesta obra de interesse nacional.

Os pretendentes comprometer-se-ão a satisfazer as cláusulas seguintes:

1.º Não será inferior a dez unidades

o grupo de colmeias móveis destinadas ao colmeal-piloto.

2.º As colmeias serão numeradas e as rainhas marcadas.

3.º A cada enxame corresponderá uma ficha ou folha de um livro de registos do colmeal-piloto.

4.º O trabalho selectivo correrá sob a orientação directa do P.C.F.A., mas caberá aos apicultores a aquisição dos artigos necessários a esse trabalho.

5.º A colheita de mel de cada colmeia será anualmente avaliada em separado, quer em quilogramas, quer em número de quadros levados ao extractor.

6.º O registo das produções de mel de cada colmeia será já feito na presente safra para os colmeais-piloto que se inscrevam no corrente ano.

7.º O Posto Central de Fomento Apícola reserva-se o direito de escolher, de entre os apiários inscritos, aqueles que deverão ser aceites definitivamente para o fim em vista.

8.º Os colmeais-piloto cujos proprietários não sigam rigorosamente as instruções recebidas ou não façam o registo individual das colheitas de mel, serão eliminados da lista respectiva.

9.º O prazo para a inscrição termina em 30 de Setembro p. f., devendo os concorrentes indicar o seu nome, morada e situação do colmeal proposto.

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários e a produção lanar

POR JOSÉ CARRILHO CHAVES

Médico veterinário

COMO é do conhecimento geral, a tosquia racional e o armazenamento das lãs são condições indispensáveis para a obtenção dum produto em boas condições.

Certamente que tanto a primeira como a segunda não operam milagres, isto é, se a lã for ordinária, não fica transformada em lã merina. No entanto, uma óptima lã merina, mal tosquiada e armazenada, pode ter um valor comercial inferior ao de outra de menos valia, mas bem tosquiada e armazenada.

Consciente do seu grande poder de orientação técnica, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Organismo Corporativo ao qual se devem várias iniciativas de vulto, como o financiamento do I Curso de Pasteurização de Leite, realizado em Lisboa, em Dezembro de 1958, frequentado por médicos veterinários municipais e técnicos da própria Junta. Frequentado ainda por um colega da República das Onduras, o que até certo modo demonstra o interesse que no meio veterinário teve esse empreendimento.

Costuma a Junta, anualmente, proceder, digamos assim, à realização de vários cursos de manajeiros, para que estes não esqueçam os conhecimentos teóricos aprendidos em cursos anteriores, e que tão necessários são, assim como instruir novos prati-

cantes, e ainda ensinar aos «práticos» os porquês da questão.

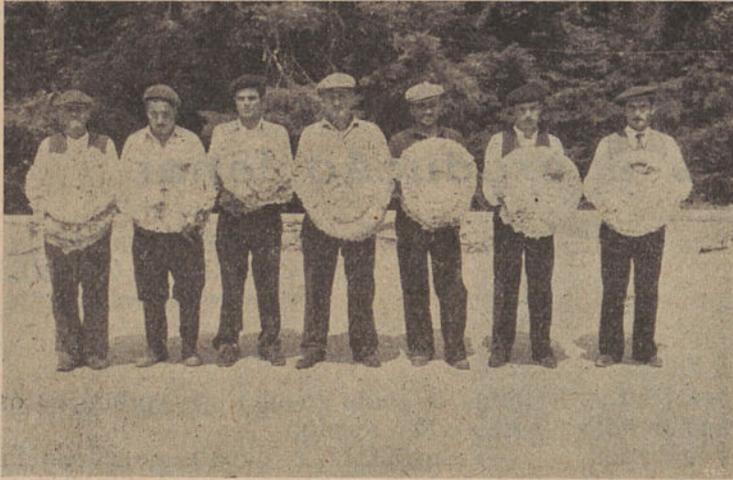
«Tosquiador» é aquele que tosquia. Pode ser-se um bom tosquiador, e não ser manajeiro. «Manajeiro» é o capataz, o que dirige. Neste caso, o que orienta os trabalhos da tosquia, o que vela pela execução dos mais pequenos pormenores desta importante tarefa, incluindo, claro está, a armazenagem dos velos.

Este ano, a Delegação de Coimbra da Junta realizou, que saibamos, três cursos de manajeiros.

Efectuou-se um em Pombal, aproveitando-se como de costume as óptimas instalações da Quinta da Gramela, gentilmente cedidas pela Administração da mesma, com a colaboração do Grémio da Lavoura local, reunindo alunos de várias localidades.

Aula teórica do 2.º Curso de Manajeiros e de Tosquiadores de Ovinos, realizado em Alcobaça, de 2 a 7 de Maio de 1960.





Um grupo do 2.º Curso de Manageiros e de Tosquiadores de Ovinos. Tosquiadores com os velos.

Na região dos antigos frades da Ordem de Cister ou de S. Bernardo, de grandes tradições agro-pecuárias, realizou-se de 2 a 7 de Maio, o 2.º Curso de Aperfeiçoamento, de Repetição e de Iniciação de Manageiros e de Tosquiadores de Ovinos.

Regeu os respectivos Cursos o dr. José Maria Gualdino, Delegado da J.N.P.P. em Coimbra, auxiliado, em Alcobça, pelo dr. Francisco Mendes da Graça, antigo Adjunto da Delegação de Coimbra, e actualmente Subdelegado do mesmo Organismo, em Leiria.

Este Curso teve a presença de 36 alunos, alguns dos quais com longa prática de «tosquiar» (cortar lã), mas sem os mínimos conhecimentos teóricos indispensáveis à futura função de manageiros, ou de simples tosquiadores diplomados.

Os alunos frequentaram o Curso durante uma semana de trabalho, tendo recebido, além dos conhecimentos teóricos e práticos, a jorna correspondente.

As lições ministradas eram teóricas e práticas, tendo sido previamente fornecido a cada instruendo, uma «Cartilha do Tosquiador», obra cuja primeira edição data de 1948. A actual edição (1954) beneficia das introduções obtidas ao cabo de seis anos de ensino e de experiência.

No último dia, ou seja, em 7 de Maio, realizou-se na Escola Técnica de Alcobça o exame final dos candidatos, constituído

por uma demonstração prática de tosquia racional, acompanhada de interrogatório sobre conhecimentos teóricos, ministrados nas lições anteriores, provas em que os alunos bem se souberam haver, demonstrando, desta maneira, o grau de ensino adquirido, fruto de trabalho árduo dos dois técnicos veterinários.

À vasta assistência, constituída na maioria por lavradores, o dr. José Maria Gualdino, no decorrer das provas, ia elucidando sobre as vantagens da adaptação da tosquia racional, o que provocou

o mais vivo interesse por esta prática.

Para galardoar os melhores alunos, foram distribuídos prémios pecuniários: um de 200\$00, dois de 100\$00 cada e três de 50\$00.

Por último, e no âmbito duma verdadeira tarefa agro-pecuária, teve lugar uma adiafa, refeição que se oferece aos trabalhadores no final dum trabalho, em que tomaram parte os instrutores, os instruendos e convidados, durante a qual o Director da Escola Técnica de Alcobça, o eng. agr. João Maria de Sousa e Brito, nosso particular amigo e condiscípulo dos velhos tempos do Liceu Passos Manuel, felicitou a Junta por esta valiosa iniciativa a todos os títulos notável, que não só vem beneficiar um produto valioso—a lã—como também valoriza sobremaneira a mão-de-obra nacional, tão carecida de operários especializados.

O Chefe da Brigada Técnica das Caldas da Rainha, eng. agr. Duilio Coelho Marques, congratulou-se com mais esta jornada de Alcobça, a juntar a tantas outras em que o Grémio da Lavoura da Região tem colaborado ou realizado.

O sr. Joaquim Ferreira Guimarães, Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura, agradeceu, em nome dos lavradores regionais, o ensino ministrado, tão útil e prático.

Os lavradores devem, no seu próprio

AINDA A

“PESTE SUÍNA AFRICANA”

Apesar das medidas rigorosas impostas pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, que merece os maiores elogios pela rapidez de acção, foi diagnosticada esta terrível zoonose porcina nos concelhos de Arronches, Campo Maior e Elvas, estando proibidas as feiras e mercados de gado suíno, assim como a entrada de suínos de outros concelhos, sem prévia autorização da respectiva Intendência de Pecuária de Elvas.

Está interdita a circulação e o transporte de animais da espécie porcina, quer vivos ou mortos, qualquer que seja o seu destino, que não vão acompanhados das respectivas guias sanitárias de trânsito, passadas pela Intendência de Pecuária de Elvas ou pelos médicos veterinários municipais em quem aquela delegar.

Chama-se a atenção dos interessados para o que já foi exposto nas colunas desta revista, em a nota e artigo sobre a *Peste suína Africana* ou *Peste suína atípica* publicados em os números 2423 (pág. 383) e 2424 (pág. 429).

Até 21 do mês findo foram jugulados 115 focos, assim distribuídos:

Concelho de Loures, 43; Lisboa, 34;

interesse, utilizar os serviços dos manajeiros, para valorização dum produto tão útil.

Para isso, e no caso de não conhecerem nenhum, basta escreverem um simples postal para a Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários da região, pedindo para lhe indicarem os nomes e moradas de manajeiros do concelho.

Com a má tosquia e o péssimo armanejamento não devemos desvalorizar um produto nacional tão necessário ao homem.

Quanto melhor for a produção nacional menos divisas serão canalizadas para o estrangeiro.

Oeiras, 9; Cascais, 7; Mafra, 1; V. F. de Xira, 7; Sintra, 6; Torres Vedras, 4; Peniche, 1; Almada, 1 e Alcochete, 2.

Posteriormente surgiu no concelho de Peniche, do distrito de Leiria, um outro foco, já extinto também. O aparecimento deste foco deu origem a que fossem applicadas no distrito disposições estabelecidas pelo Decreto-Lei n.º 39.209.

Naqueles 11 centros de inficcionamento, com um efectivo global de 6.385 porcinos, foram já abatidos e destruídos 5.924 e vitimados pela zoonose 461.

Continuam a ser postas em prática severas medidas de policia sanitária, para o que a Intendência de Pecuária de Lisboa dispõe de 13 brigadas, e ainda outra na Intendência de Pecuária de Setúbal.

No distrito de Lisboa, considerado «zona primária de inficcionamento», a zoonose está a entrar em declínio.

Insiste-se, portanto, como medida de profilaxia, na fervura dos restos de alimentos da espécie humana, utilizados na alimentação dos suínos.

É ainda necessário ter em conta que os suínos cujas pocilgas ficam na proximidade de montureiras, estão mais sujeitos a contrair a doença.

O vírus — relembra-se — resiste a altas e a baixas temperaturas, à dessecação e putrefacção.

Como já referimos em trabalho publicado nestas colunas, **esta zoonose**, em virtude das suas características especiais, **deve ser considerada como a mais grave epizootia** que poderá atingir o armentio porcino duma nação.

O aparecimento recente dos focos atrás referidos nos distritos de Portalegre e Leiria, vem agravar a situação.

Apela-se mais uma vez para a esclaircida atenção e patriotismo dos lavradores e criadores de gado suíno para defesa da economia e do prestigio nacionais.

Carrilho Chaves.

CAÇA E PESCA

ÁGUA DOCE

Por ALMEIDA COQUET

"A reunião de multidões em grandes centros populacionais cada vez maiores, juntamente com as modernas ideias sobre higiene e limpeza, fiseram com que o fornecimento de água seja um dos problemas mais importantes da actual civilização. Não será, portanto, difícil imaginar que, se daqui a mil anos tiver já terminado a nossa civilização e nada mais restar senão ruínas, delas se destacarão, em grandiosidade, vastos reservatórios em concreto, enormes barragens fechando vales, ou ainda túneis perfurando montes, para a condução de água às populações".

(Do livro «Life in Lakes & Rivers», de T. T. Macan e E. B. Worthington)

NESTA visão, que acima transcrevemos, os autores citados, notáveis biólogos ingleses dão uma ideia do que será a luta pela água, produto preciosíssimo para a vida das futuras gerações.

Vem isto a propósito do que, há já alguns anos, se vem passando em Inglaterra com a utilização de água dos rios para uso das populações. E a divulgação de tal facto parece-nos poder ter certa utilidade para o caso português, pondo-nos de sobreaviso contra soluções simplistas que só tentem resolver casos presentes sem olharem ao futuro.

A extracção de água dos rios, sem atenção ou cuidado, embora mediante autorização e licença das autoridades pode conduzir a fins desastrosos que convém evitar. É o caso dos rios para onde correm esgotos populacionais; se o caudal de água limpa cessa de correr, por extracção demasiada, em breve, com a afluência dos esgotos, o rio se tornará

em poças de água infecta, imprópria para usos correntes e para a vida dos peixes.

Em Inglaterra, este facto preocupa altamente as autoridades, e há já alguns anos que se procura adoptar soluções adequadas. Entre elas, há uma que está actualmente na fase inicial. A ideia não é nova: trata-se da destilação de água do mar.

E desde que haja combustível barato, o processo impõe-se, como, por exemplo, em Kuwait, no Golfo Pérsico, onde o «fuel oil» é baratíssimo, e onde toda a água doce é produzida por esse sistema.

Em Inglaterra, a ideia voltou a ser discutida, visto que o número de cidades ou vilas junto da beira mar é elevado. E se essas populações se abastecerem de água salgada destilada, seria enorme a economia de água doce colhida dos rios.

No jornal «THE FIELD», de 27 de Novembro de 1958, o assunto veio primorosamente desenvolvido, incluindo mesmo

a opinião de um engenheiro consultor que, depois de estudar o problema cuidadosamente, afirmou ser possível produzir água potável com água do mar, a um custo comparável ao do sistema actual, em que se está a extrair água do interior do país para fornecer as cidades costeiras.

Como exemplo, no seu estudo, apresentou a cidade de Paignton, voltada ao mar. Em 1940, a sua população regulava por 18.500 pessoas; em 1958, andava à volta de 20.000, com mais cerca de 5.000 como turistas. O cálculo de consumo é de cerca de 17 galões (77 litros) de água p. c. por dia; e, no Verão, quando a água é mais precisa, é quando ela menos corre nos rios!

Partindo do princípio de que sejam precisas 1.300 B. T. U. (*) de calor para produzir um galão de água destilada, os 340.000 galões diários necessitariam de 442.000.000 B. T. U., ou sejam aproximadamente 14,5 toneladas de carvão a queimar em cada dia.

Mas surge então a ideia de conseguir combustível mais barato, aproveitando o lixo da cidade, que, incinerado, pode contribuir bastante para a destilação da água salgada.

Eis o cálculo: a cidade de Paignton deve produzir diariamente 19 toneladas de lixo, partindo do número-base de

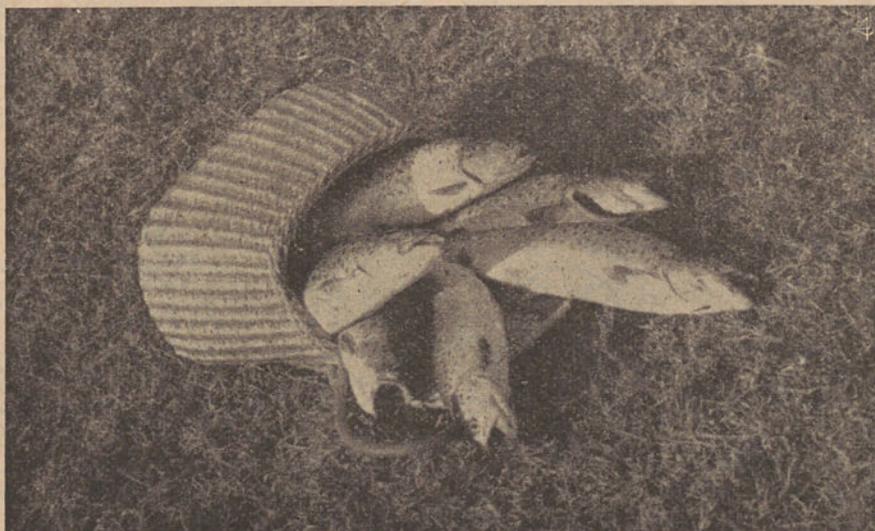
20.000 habitantes. E essas 19 toneladas devem produzir 50.000 galões diários de água potável, número esse susceptível de ser aumentado, se ao lixo forem adicionados outros resíduos de maior valor calorífico, como, por exemplo, o óleo velho das garagens.

Tudo isto pode parecer um pouco fantasista. No entanto, fomos encontrar na FISHING GAZETTE de 28 de Maio último a notícia de que acaba de ser montada uma dessas instalações em Guernsey. Quer dizer: da fantasia, passou-se já ao campo das realidades práticas. E prometem publicar notícias complementares detalhando o funcionamento de tais destilações.

Como o leitor pode ver, trata-se de evitar a todo o custo que a água doce dos rios se perca através das torneiras ou dos esgotos das localidades situadas à beira mar.

E uma das razões é esta: evitar que os caudais dos rios sejam tão diminuídos, QUE POSSAM IMPEDIR AS CORRENTES MIGRADÓRIAS de salmões e de trutas mariscas. Os ingleses consideram isto uma riqueza que se não deve perder, antes aproveitar ao máximo, pelo seu valor alimentar para a nação, pelos interesses comerciais em jogo e ainda pelo factor desportivo e de turismo que os ingleses consideram igualmente da maior importância.

(*) British Thermal Units.



SECÇÃO FEMININA

Embeleze o seu lar

Para se tornar mais prático e eficiente, apresentamos hoje às nossas leitoras um lindo desenho que pode ser aplicado, ao mesmo tempo, para uma toalha ou para um lençol. Bordado a branco ou a anil, fará um lindíssimo jogo de cama, fino e ao mesmo tempo bastante resistente. Em



geral, as roupas bordadas, usadas diariamente, precisam de um desenho mais pesado para resistirem a tantas lavagens, pois é quase sempre pelo sítio das guarnições que começam a esfriar. Daí o tornarem-se, muitas vezes, um pouco mais grosseiras, em consequência da dificuldade de escolha do motivo de guarnição. O que a seguir transcrevemos, sendo bas-

tante durável, é contudo muito fino e gracioso.

Se a nossa leitora tiver uma mesa antiga, quantas vezes até arrumada para um canto, pode valorizá-la e torná-la um lindo ornamento do seu lar, cobrindo-a com uma toalha de linho branco enfeitada com a mesma barra. O efeito é bastante harmonioso e tanto ficará bem numa saleta de costura como num ângulo da sala de jantar. Pensamos que o aspecto lhe agradará e fazemos votos para que o utilize com felicidade.

O cantinho da cozinha

Sopa de puré de agriões

Numa caçarola passam-se por 60 gramas de manteiga 500 gramas de folhas de agriões bem frescas, juntam-se 8 decilitros de caldo de carne e mais 300 gramas de batatas cortadas aos bocados. Em estando as batatas cozidas, passam-se por peneira fina e junta-se uma colher das de sopa de manteiga, antes de servir. Como guarnição 50 gramas de folhas de agriões que se juntam à sopa 5 minutos antes de servir.

Sopa de puré de tomate à portuguesa

Põe-se numa caçarola com 50 gramas de banha de porco uma cebola pequena, uma cenoura, meia folha de louro e um ramo pequeno de tomilho. Juntam-se 700 gramas de tomates partidos aos bocados, sem peles nem sementes, 125 gramas de arroz e um litro de caldo. Deixa-se cozer devagar, passa-se por passador fino, juntam-se dois decilitros e meio de água e



rectifica-se o sal. Como guarnição, duas colheres de polpa de tomate passada em manteiga numa frigideira.

Arroz de mexilhão

Cozem-se os mexilhões em litro e meio de água e 3 decilitros de vinho branco, não se deitando sal, depois de devidamente lavados e limpos de areias.

À parte deitam-se numa caçarola 150 gramas de manteiga e duas cebolas cortadas miúdo e depois de estar a cebola loura, acrescenta-se uma colher de polpa



de tomate e deita-se 500 gramas de arroz carolino bem lavado, mexendo com uma colher de madeira.

Logo que o arroz comece a alourar, deita-se o caldo da cozedura dos mexilhões depois de passado por um pano, na quantidade de cerca de duas vezes e meia o volume do arroz em seco. Põe-se a caçarola tapada no forno sem mexer mais, por cerca de 30 minutos.

Molho de vinho branco

Faz-se um caldo com espinhas, peles e cabeças de peixe e dois decilitros de vinho branco, cebola cortada miúda, água e reduz-se a dois decilitros. Deixa-se arrefecer e juntam-se 4 gemas de ovos, cruas, cozendo depois a fogo brando e mexendo sempre. Logo que as gemas estejam cozidas, ficando um creme bem homogéneo, juntam-se, mexendo sempre, 200 gramas de manteiga fresca derretida em banho-maria, e rectificam-se os temperos.

Prepare sorvetes para toda a família

Hoje em dia, com a grande divulgação dos frigoríficos, mesmo e muito especialmente nas zonas rurais há imensa facilidade na preparação de sorvetes, que, na época de Verão, fazem a delícia de grandes e pequenos. Porém, o sorvete, tem uma particularidade na sua preparação. Muitas pessoas se queixam que, depois de medido na geleira, o creme deslacha e o sorvete não adquire a necessária consistência e aveludado. Para evitar esse inconveniente, procede-se muito simplesmente: feito o creme, bate-se enérgicamente antes de meter no frigorífico. Pouco tempo depois, quando começa a gelar, retira-se novamente e torna-se a bater fortemente voltando ao frigorífico. Evita-se, assim, o deslache e o sorvete adquire o aspecto cremoso habitual. Se tiver possibilidade de bater mais do que uma vez, melhor resultado conseguirá.

Sorvete de chocolate

Desfaz-se em litro e meio de água, metade de um pau de chocolate: tempera-se com açúcar ao gosto e um pouco de canela em pó; leva-se ao lume e, quando levantar fervura, tira-se, deixa-se esfriar e põe-se a gelar.

Sorvete de damascos

Num litro de água, deita-se um quilo de açúcar e leva-se a ponto de espadana. Depois tira-se o caroço a 24 damascos bem maduros que se passam em peneira. Junta-se este polme ao açúcar e deixa-se repousar durante duas a três horas; passando este tempo, junta-se o sumo de três limões, mexe-se muito bem e faz-se gelar.

Sorvete económico

Leva-se ao lume um quilo de açúcar, um pouco de água, casca de cidra, uma laranja grande descascada e metade duma vagem de baunilha; quando toda esta mistura ferver, tira-se do lume, despeja-se para outra vasilha, deixa-se repousar duas a três horas e passado este tempo, passa-se por peneira, junta-se o sumo de dois limões e faz-se gelar.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Dr. A. Pinheiro Torres, Advogado; Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

II

FRUTICULTURA

N.º 118 — Assinante n.º 44.722 — S. Miguel (Açores).

BANANAL DE FRACA PRODUÇÃO

PERGUNTA — Tenho um bananal que produzia bem, mas há uns dois anos tem produzido pouco; as bananeiras, quando espigam em Maio, Junho e Julho, são muito fracas e algumas não chegam a desenvolver o fruto.

Que me aconselham?

RESPOSTA — Se o bananal anteriormente produzia bem e deixou de produzir, revelando indícios de fracas forças, para formação e vingamento do cacho, tudo leva a crer que uma das causas, ou cansaço do terreno ou doença, devem ter motivado tal anormalidade.

Em face da falta de melhor conhecimento, ataquemos simultaneamente as duas supostas origens do insucesso a ver se cá de longe podemos levar o seu bananal à fertilidade que outrora revelou.

Para tal, no Outono estrume bem, e adube em Janeiro ou Fevereiro com um adubo do tipo Foskamonio, «Nitrofoska»,

«Complezal», «Complezel» ou outro equivalente, à razão de 1.000 a 1.500 gramas por «touça» de bananeira.

Para melhor actuação do fertilizante que vier a empregar, aplique-o em furos com 1 ou 2 palmos de fundo em redor das bananeiras, a cerca de 1 metro de cada pé, a fim de que a sua proximidade não danifique por causticidade as plantas referidas.

— Prevendo, como inicialmente fizemos ver, a acção de qualquer fungo que faça abortar a floração, consequentemente o não vingamento do fruto, logo que se inicie a floração aplique-lhe preventivamente, de 10 em 10 dias, a seguinte calda em pulverização, a qual deve visar e molhar bem todo o cacho a desbrochar:

Água	100 litros
Aspor, Dithane Z78, Zinecor ou equivalente	250 gramas
Agral, Shelestol ou equivalente	a dose indicada na embalagem

— Finalmente, tenha ainda presente que nas zonas ventosas da Ilha a bananeira vai mal, necessitando sempre esta cultura, para resultar, encontrar-se localizada em lugares fundos abrigados ou

então a coberto duma eficiente e boa protecção de abrigos de faia ou insenço. — *Benevides de Melo*.

N.º 119 — *Assinante n.º 35:587 — Figueira da Foz.*

PEREIRAS PARASITADAS POR UMA LARVA

PERGUNTA — Há dois anos que umas fruteiras que possuo, especialmente as pereiras, são atacadíssimas por uma lagarta que deixa as folhas no estado da amostra que junto.

O que devo fazer para exterminar tal praga?

RESPOSTA — Para o extermínio da larva que está a danificar a folhagem das suas pereiras recomendamos-lhe pulverizar duas vezes, com intervalo de dez dias, com a seguinte calda:

Água 100 litros
Didimac 50. 200 gramas

O tratamento que lhe recomendamos, por ser feito em pulverização, deve ser executado de forma a molhar bem toda a folhagem das pereiras parasitadas. — *Benevides de Melo*.

ARBORICULTURA

N.º 120 — *Assinante n.º 43:825 — Famalicão.*

ADUBAÇÃO DE DIOSPIREIROS

PERGUNTA — Tenho no meu quintal vários diospiros, cujo fruto cai nesta época, não chegando a vingar nenhum, apesar de serem árvores adultas.

Não haverá qualquer tratamento para evitar essa queda?

Junto envio alguns frutos.

RESPOSTA — Tenha presente que o diospireiro, planta de climas quentes, embora em certas localidades de Portugal continental frutifique abundantemente, noutras, por motivos de ordem climática, a sua frutificação é por vezes caprichosa e deficiente.

Tal insucesso, que o clima local em certos anos favorece, pode ainda, por outro lado, ser agravado por faltas de elementos nobres disponíveis no solo — fósforo e potássio — considerados da maior importância para o vingamento do fruto.

Assim, para o fim que tem em vista, recomendamos-lhe uma boa fertilização

da ordem dos 50 a 100 quilos de bom estrume espalhados sob a copa da planta, e no intuito de a tornar mais completa, deverá ministrar a cada uma das fruteiras em referência cerca de 500 a 1.500 gramas, conforme o porte da fruteira, duma mistura em partes iguais de fosfato Tomás e cloreto de potássio; adubação esta que vantajosamente deverá ser aplicada em furos abertos ao redor da árvore e suficientemente afastados do pé da planta. — *Benevides de Melo*.

III

VITICULTURA

N.º 121 — *Assinante n.º 14.738 — Mesão Frio.*

COMBATE À TRAÇA DA VINHA

PERGUNTA — Vejo no n.º 2423 da *Gazeta das Aldeias* um artigo, da autoria do sr. Eng. Benevides de Melo, sobre o combate à traça da vinha.

Muito agradeço o favor de me indicar quais as doses a aplicar de Zinebe, enxofre molhável e DDT a juntar à calda cúprica.

RESPOSTA — O Zinebe empregue no combate ao mildio da videira pode substituir, de momento, não tão economicamente mas com certas vantagens de ordem técnica, o tratamento cúprico bordalês de emprego tradicional anti-mildio. A mistura dos dois é, no entanto, de certo modo incompatível e por tal não de aconselhar.

Por sua vez o DDT que pode empregar contra a traça da uva quando em mistura com caldas cúpricas alcalinas ou na vizinhança da neutralidade é diminuído pela acção da cal na sua acção insecticida, isto é, mata menos.

Por aqui vê o sr. consulente que a calda mais de recomendar contra o mildio, oídio e traça é aquela em que os seus componentes sejam 100% eficazes e compatíveis e que de forma alguma sejam nos seus valores, insecticidas ou fungicidas, em algo diminuídas.

Zinebe com 70% de substância activa a 0,3% em água, acrescido de enxofre micronizado molhável a 0,15 ou 0,20% e ainda veiculando um DDT com 50% de substância activa na dosagem de 200 gramas por cada 100 litros desta calda,

constituirá um bom tratamento misto de acção fungicida contra o mildio e oídio e insecticida contra a traça da vinha.— *Benevides de Melo.*

N.º 122—Assinante n.º 42:772—*Cantanhede.*

COMBATE AO MÍLDIO DA VIDEIRA

PERGUNTA—Tendo o ano passado sulfatado as minhas vinhas com uma calda alcalina—2 quilos de sulfato de cobre, 2 quilos de cal e 200 litros de água—verificou-se um ataque de mildio, que o meu feitor atribui à muita cal que, na teoria dele, roubou a força ao sulfato e, além disso, queimou a vegetação.

Teria sido, de facto, o ataque do mildio motivado pelo excesso de cal?

Qual a melhor calda que me aconselha e quais as melhores percentagens que poderei empregar, nesta região, um pouco próximo do mar?

RESPOSTA—Uma calda de sulfato de cobre e cal nas doses indicadas pelo senhor consulente possui, em condições normais, um bom efeito protectorio contra a doença a que se refere. O excesso de alcalinidade que a dosagem de preparação usada originou não é de molde a temer, por redução, o efeito fungicida desta calda.

A dosagem que nos indica pode considerar-se corrente, sendo a referida concentração mais que suficiente para debelar ataques violentos de mildio uma vez que a sua aplicação seja feita de forma perfeita quanto a cobertura da planta e oportunidade de aplicação.

A fixação de intervalos certos entre as pulverizações, como é óbvio, não pode ser indicada, reconhecida como é a influência climática—factor variável—no desenvolvimento da doença.— *Benevides de Melo.*

VII

PATOLOGIA VEGETAL

N.º 123—Assinante n.º 44:134—*Porto.*

BEGÓNIAS ATACADAS POR FUNGOS

PERGUNTA—Já há uns anos que tenho vasos de begónias em casa, tendo as mesmas, até há tempos a esta parte, apresentado bom aspecto e desenvolvimento.

Há pouco tempo, as folhas das referidas begónias nascem e não chegam a atingir o tamanho natural aparecendo-lhes umas pintas parecidas com ferrugem, começando por murchar e cair, ficando unicamente os troncos.

Desde já muito agradeço o favor de me infor-

VINHOS—AZEITES—Secção técnica, sobreanálises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. L. Cores para todas as análises, marca VINO-VITO. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites.—Dirigir a VINO-VITO R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Arca)—LISBOA—Telefone, 27130

marem o que tenho a fazer para que o estado das plantas melhore?

RESPOSTA—Pulverize semanalmente, consoante o aspecto sanitário das plantas e de forma perfeita, todas as suas begónias com a seguinte calda:

Água	100 litros
Dithane Z 78	200 gramas
Karathane	50 »
Shelestol	50 cent. cúbicos

Todos os fungos do tipo oídio, ainda aqueles que não sejam irradiados pela acção do «Karathane» serão debelados consideravelmente.— *Benevides de Melo.*

N.º 124—Assinante n.º 44:153—*Porto.*

VIDEIRAS PARASITADAS PELA «ERINOSE»

PERGUNTA—Encontrei em alguns pés de videira folhas como as que envio como amostra. Creio tratar-se de «erinose».

Que devo fazer?

RESPOSTA—As folhas enviadas apresentavam-se de facto parasitadas pela «Erinose». Como tratamento recomendamos-lhe fazer a supressão e queima das folhas parasitadas e a aplicação de enxofre em polvilhação nas zonas em que apareçam, tratamento este que pode visar simultaneamente o oídio da videira.— *Benevides de Melo.*

N.º 125—Assinante n.º 40:149—*Gondomar.*

VIDEIRAS COM FOLHAS QUEIMADAS PELA ACÇÃO DO ENXOFRE

PERGUNTA—Tenho umas videiras que apareceram chamuscadas e com as folhas nas condições da amostra que envio, embora tenham sido tratadas com calda bordalesa a 1º/º, já cinco vezes, e com enxofre molhável «Ormental». A que atribuir isto? Será nova doença?

RESPOSTA—O que nos foi dado verificar na folhagem da videira que nos remeteu afigura-se-nos serem «queimaduras» devidas à acção do enxofre submetido às fortes temperaturas ocorridas recentemente. Não se trata, portanto, por aquilo que nos foi dado observar, de qualquer

doença que tivesse causado tais manchas. Lembre-se que com temperaturas elevadas e em locais de deficiente ventilação são por vezes frequentes as queimadas. Limite-se pois às dosagens mínimas de emprego e esteja alerta quanto a aparecimentos futuros do mildio.—*Benevides de Melo.*

N.º 126 — Assinante n.º 44.153 — Porto.

CEREJEIRAS ATACADAS POR AFÍDEOS

PERGUNTA — Envio umas folhas de cerdeira (árvores novas) que apresentam o aspecto doentio que terá ocasião de verificar.

Que me aconselha?

RESPOSTA — O aspecto doentio a que se refere deve ser atribuído a intensos ataques de afídeos ocorridos a seguir à rebentação.

Oportunamente faça o seu combate repetido por meio dum aficida à base de «malation», na dose preconizada pelo seu fabricante.—*Benevides de Melo.*

XVI

AVICULTURA

N.º 127 — Assinante n.º 26.588 — Sobral da Adiça.

CRIAÇÃO DE POMBOS. ESCOLHA DE RAÇAS

PERGUNTA — Desejo arranjar um casal de pombos para pôr num quintal. Este é muito quente no Verão e frio no Inverno. Qual a raça que deveir preferir?

Tenho visto alguns, mas como pedem 150\$00 pelo casal, compreendi que deviam ser muito finos para um clima tão agreste e, assim, não comprei.

Gostava de arranjar de raça grande.

Desejava que fizesse o favor de me dizer qual o aviário mais competente neste género de animais, qual a alimentação, como se lhes prepara os ninhos para as criações e cuidados a ter.

RESPOSTA — Há uma enorme quantidade de raças de pombos, sejam de fantasia sejam de utilidade ou de desporto, pelo que não sei por qual está o senhor consulente interessado.

Presumo ser por uma raça produtora de carne, uma vez que me diz gostar de arranjar uma raça grande.

Não me consta, porém, que no nosso País exista algum pombal dedicado, em escala comercial, a este género de exploração, embora certamente exista quem

possua alguns pombos que se prestem para este efeito.

As raças estrangeiras mais aconselhadas são: King; Carneau; Mondain e Homer.

Devido à louvável iniciativa de Carlos Pinto Coelho, depois secundada por outros columbófilos, entre os quais o dr. António Pitta, foi obtida uma raça portuguesa de pombos possuidora de óptimos predicados para o fim em causa, a que foi dada a designação de «Criador Lusitano».

Talvez seja possível obter alguns exemplares junto deste último criador ou dirigindo-se à Associação dos Avicultores de Portugal, Praça do Ultramar, n.º 1 r/c — Lisboa.

A alimentação dos pombos é geralmente composta por uma mistura de grãos de cereais, designadamente milho, cevada e trigo, por alimpaduras e diversas leguminosas, tais como favas e ervilhacas, abstraindo-nos das rações compostas sob a forma de granulados, que são utilizadas onde existam no mercado.

Dever-se-á dar-lhes, à discricção, verduras e areia grossa ou calça.

Os ninhos de barro ou de porcelana são os mais aconselhados.

Como é impossível descrever, nesta secção de consultas, todos os cuidados a ter na criação de pombos, pois o assunto é vastíssimo, aconselho a leitura de alguns livros que dela se ocupem, entre os quais indico:

Criação do Pombo — M. Leão Maia.
Le pigeon de rapport — C. Craplet. — Sérgio Pessoa.

N.º 128 — Assinante n.º 44.530 — Mogojores.

CRIAÇÃO DE GALINHAS. CRUZAMENTOS

PERGUNTA — Tenho uns pequenos parques de galinhas e resolvi fazer uma experiência de híbridos, cruzando a raça Wiandotte com um galo Red e vice versa. Desfazendo agora estes cruzamentos, pedia o favor de me informar se, voltando à primitiva, isto é, voltar a juntar as raças, estas ficarão legítimas como anteriormente.

RESPOSTA — Passado um período mínimo de 20 dias entre a troca dos galos, a descendência das galinhas deixará de ser influenciada pela presença dos primeiros machos, pelo que poderão voltar a reproduzir as características da raça a que pertencem quando acasala-

das com galos da mesma raça. — *Sérgio Pessoa.*

XIX

MEDICINA VETERINÁRIA

N.º 129 — Assinante n.º 42:167 — *S. Pedro do Sul.*

VACINAÇÃO DE FRANGAS CONTRA A DIFTERIA

PERGUNTA — Possuo um aviário com cerca de 900 pintos com 7 semanas de idade e 400 frangas com 3 meses e meio. Notei nestas últimas que algumas têm na boca, do lado da lingua, umas pequenas crostas que se conseguem tirar com o auxilio de uma navalha ou pau afiado, sendo estas crostas pequenas com máximo de 3 a 4 mm.

Como no ano passado tive nas galinhas de postura a difteria e como me parece haver semelhança nas crostas, embora as que noto este ano sejam mais pequenas e superficiais, estou muito preocupado com o receio de poder tratar-se da mesma doença.

Esclareço que não fiz a vacina contra a difteria, mas apenas contra a doença de Newcastle.

Deverei, sem mais demora, fazer a vacina contra a difteria aos pintos e frangas? Ou deverei antes fazer qualquer tratamento ou análise às aves?

No caso de ser conveniente mandar alguma ave para análise, peço o favor de me indicar para onde a devo mandar e se necessitar fazer tratamento, peço o obséquio de o prescrever. Devendo fazer a vacina, peço também para ma indicar.

RESPOSTA — É muito provável que as frangas estejam atacadas de difteria, uma vez que esta virose já surgiu anteriormente nas poedeiras. Todavia, a sintomatologia pode confundir-se com certas avitaminoses e micoses pelo que aconselho enviar uma ou duas aves doentes para o Laboratório de Patologia Veterinária — na Intendência de Pecuária do Porto — R. de S.ª Catarina ou para o Laboratório Nacional de Investigação Veterinária — Estrada de Benfica, 701 — Lisboa.

Entretanto, deverá proceder à immediata vacinação anti-diférica de todo o efectivo, que tenha mais de um mês de idade, com vacina de «virus pombo», a qual poderá ser adquirida quer neste último Laboratório quer em qualquer firma que se dedique ao fornecimento de produtos biológicos veterinários.

A acromicina tem-se mostrado muito eficiente no tratamento da difteria, mas o seu uso só se recomenda nas infecções muito intensas, em virtude do seu preço relativamente elevado.

Pode ser aplicada intra-muscularmente,

uma ou duas vezes conforme a intensidade da infecção, utilizando-se um soluto de 100 mgrs de acromicina em 10 c. c. de água destilada e injectando 0,5 c. c. a cada ave doente. — *Sérgio Pessoa.*

XXIII

DIREITO RURAL

N.º 130 — Assinante n.º 44 278 — *Monção.*

ÁGUAS SUBTERRÂNEAS PAROQUIAIS: PROLONGAMENTO DE MINA JA ABERTA

PERGUNTA — Sou comproprietário, com cinco herdeiros, de uma mina sita em monte baldio paroquial, cuja água se destina a umas propriedades.

A água que nasce nesta mina não é suficiente para rega e pretendo prolongá-la para conseguir mais água.

Fui informado pelo engenheiro da Câmara que tal não podia fazer, não me dizendo a razão.

A Junta de Freguesia informou que o prolongamento da mina não prejudicava terceiros.

Há ao lado desta mina uma outra, mas que não entra no terreno baldio; terá esta direitos adquiridos em relação à outra existente no terreno baldio?

RESPOSTA — 1. O art. 30.º do Dec. 5.787 permite a perfuração de minas em terrenos públicos, municipais ou de freguesia, desde que se tenha obtido «licença da autoridade ou corporação a quem a administração dos terrenos pertencer». E o art. 31.º do mesmo decreto acrescenta que «as águas subterrâneas que tiverem sido exploradas mediante a competente licença entram no domínio particular, ficando o beneficio que delas resulta perpétuamente incorporado nos prédios a que a exploração se destinou».

2. Ora para esse prolongamento parece-me ser desnecessária licença, pois ela já foi concedida aquando da abertura da mina. No entanto, isso dependerá dos termos em que foi concedida nessa altura. De qualquer modo, e por mera cautela, dado o disposto no art. 30.º § 1.º do Decreto citado («Salvo nos casos de a exploração poder afectar o público, ou fazer diminuir o caudal ou o volume de fontes e reservatórios destinados a uso público, deve a licença ser concedida») ou ainda o prolongamento venha a prejudicar terceiros com direitos adquiridos (Rev. de Leg. e de Jurisp., ano 4.º, pág. 99), deve ser ouvida a Junta da Freguesia sobre o assunto. — *A. Pinheiro Torres.*



INFORMAÇÕES

O Instituto do Vinho do Porto visitado por estrangeiros

Em Abril e Maio, o I.V.P. foi visitado por grande número de estrangeiros — ingleses, franceses, alemães, suecos, americanos, etc. — quer isoladamente quer em grupos, entre os quais são de destacar: dois funcionários superiores do Ab Vin & Spritcentralen, de Estocolmo; professores e alunos do «Centre Itinérant d'Éducation Populaire Rurale de la Confédération de la Famille Rurale», de França; comerciantes ingleses de Vinho do Porto; entidades inglesas e convidadas pela TAP a visitar o Porto e norte do País, etc.

Vinhos portugueses no estrangeiro

O vinho verde na Feira de Nice

Na Feira de Nice, recentemente realizada, foi consagrado um «Stand» à apresentação dos vinhos verdes portugueses.

Esta feliz iniciativa, resultou da visita que o presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, dr. Alberto Meireles, efectuou a Paris nos fins do ano passado, parecendo ser o primeiro passo para uma campanha de propaganda a desenvolver.

Necessária e de utilidade, essa campanha deverá dar resultados satisfatórios, posto que o Vinho Verde é aceite com predilecção pelo gosto francês. Mas, independentemente de todas as publicidades que possam vir a ser feitas, uma outra existe já e com a qual se pode contar: aquela que, desinteressadamente, efectua todos os turistas franceses que têm vindo a Portugal e que levam saudades desse reputado vinho português.

Região Demarcada dos Vinhos Verdes

Fornecimento de Leveduras Seleccionadas

Dentro da orientação que presidiu à organização dos Serviços de Assistência Técnica, a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes fornece leveduras seleccionadas aos produtores de Vinho Verde Branco.

Considera-se aberta a inscrição dos produtores, devendo os interessados dirigir-se ao Laboratório

da Comissão de Viticultura ou aos Grêmios da Lavoura da Região Demarcada para obterem todos os esclarecimentos.

O prazo de inscrição termina no dia 23 de Julho, ficando o fornecimento das leveduras dependente das possibilidades de trabalho do Laboratório.

Com a cultura de Leveduras Seleccionadas, entregue directamente a cada produtor, serão fornecidas instruções pormenorizadas sobre a sua aplicação.

Federação N. dos Produtores de Trigo

Trigos provenientes das ceifeiras-debulhadoras — Precauções a tomar

Mercê da constante mecanização da nossa agricultura, vem aumentando de ano para ano o volume de trigo e cevada colhidos com ceifeiras-debulhadoras, tornando-se necessário ter com esses cereais cuidados especiais para evitar prejuízos e problemas de conservação.

Com efeito, os cereais colhidos por aquele processo, afluem aos celeiros da F.N.P.T. em primeiro lugar, em grandes quantidades e simultaneamente, apresentando com frequência um elevado teor de humidade e uma quantidade apreciável de impurezas.

Sendo muito difícil, se não impossível, conservar convenientemente cereais nestas condições, aquele organismo lembra aos produtores que utilizem ceifeiras-debulhadoras a necessidade de proceder previamente ao arejamento e limpeza dos lotes provenientes daquelas máquinas, os quais só serão aceites nos celeiros da Federação quando apresentarem um teor de humidade inferior a 14%.

Colheita de 1959

Quantidades e valores de cereais recebidos pela F.N.P.T. até 20 de Junho de 1960

Trigo 424.378.773 quilos, 1.273.136.319\$00; milho 51.261.289 quilos, 112.745.482\$60; centeio 13.045.063 quilos, 30.786.348\$70; cevada dística 2.935.199 quilos, 9.392.636\$80. Total pago à Lavoura 1.426.060.787\$10.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

Fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional
 Influência do tempo nas culturas

3.ª década (21-30) de Junho de 1960

Mantém-se o aspecto regular das culturas, principalmente das vinhas e oliveiras. As culturas regadas estão a desenvolver-se em boas condições, sobretudo nas regiões do sul onde a temperatura do ar foi mais alta, estando as reservas de água provenientes das abundantes chuvas do Inverno e Primavera a assegurar as regas necessárias.

As culturas de sequeiro, nomeadamente o milho, grão-de-bico e batata, têm sido prejudicadas pela falta de chuva. Nas regiões do litoral o vento forte, que houve por vezes, provocou a queda de frutos e prejuízos em outras culturas.

Continuaram em boas condições as ceifas dos cereais, que já estão praticamente terminadas nas regiões a sul do Mondego, as debulhas, tratamentos fitossanitários, sachas, mondas, colheita de frutos, etc.

1.ª década (1-10) de Julho de 1960

Mantém-se regular o aspecto vegetativo das culturas, nomeadamente das vinhas e oliveiras.

As culturas de sequeiro, especialmente o milho e a batata, foram favorecidas nas regiões do norte pela chuva que caiu nos primeiros dias da década; nas regiões do sul, onde não houve precipitação, começam a ressentir-se da falta de água. Nas regiões do litoral ocidental a nortada, que houve por vezes, continuou a provocar a queda de frutos.

Os trabalhos agrícolas próprios da época, como ceifa dos cereais, debulhas, recolha de feno, colheita de frutos, etc., têm decorrido em boas condições, favorecidos pelo estado do tempo durante a década. Nas regiões do norte houve aumento dos ataques de mildio e oídio nas vinhas, que obrigaram a intensificar os tratamentos anti-criptogâmicos.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Pavões brancos ou ovos, compro. Dr. C. Mendes Dordio — Largo do Carmo, 1 — Setúbal.

Semente de serradela e tremço — Vende-se a 2\$50 o litro, colheita do corrente ano, dirigir pedido a José Teixeira de Sousa, da Quinta Calçada, Mancelos, Vila Meã.

Cachorros da Serra da Estrela, belos exemplares, vendem-se. Maria Teresa Lobo d'Avila — Casa da Igreja Velha — Aliviada — Marco de Canaveses.

Cotações do Mercado Abastecedor de Frutas do Porto

No dia 8-7-1960

Espécies	Procedências	Designação das taras	Preços por volume		
			Máximo	Mínimo	Mais frequente
Pimento.	Gaia	Cesta	70\$00	—	—
	Tavira	N.º 2	30\$00	—	—
Pera...	Baixo Douro	N.º 1	30\$00	10\$00	25\$00
		N.º 2	100\$00	20\$00	50\$00
	Alto Douro	N.º 1	80\$00	20\$00	50\$00
		N.º 2	160\$00	27\$50	40\$00
	Mirandela	»	90\$00	35\$00	50\$00
	R. Concelho	»	100\$00	40\$00	70\$00
		Oeste	N.º 1	180\$00	—
	»	Cx. n.º 1	190\$00	50\$00	50\$00
	»	N.º 2	60\$00	—	—
	»	Cx. n.º 2	200\$00	80\$00	170\$00
»	Cx. E.D.	120\$00	70\$00	120\$00	
Leiria	N.º 1	15\$00	—	—	
	N.º 2	60\$00	35\$00	35\$00	
Setúbal	N.º 1	40\$00	35\$00	35\$00	
	N.º 2	35\$00	—	—	
Ribatejo	N.º 1	50\$00	40\$00	40\$00	
Beir. Lit. R. C.	N.º 2	100\$00	—	—	
Laranja.	Baixo Douro	N.º 1	90\$00	60\$00	65\$00
		N.º 2	220\$00	45\$00	60\$00
Alto Douro	N.º 1	180\$00	40\$00	100\$00	
Ameixa..	Baixo Douro	»	100\$00	20\$00	70\$00
		N.º 2	140\$00	30\$00	50\$00
Alto Douro	N.º 1	100\$00	30\$00	100\$00	
	N.º 2	160\$00	30\$00	80\$00	
R. Concelho	»	60\$00	50\$00	80\$00	
Leiria	N.º 1	60\$00	50\$00	50\$00	
	N.º 2	60\$00	30\$00	50\$00	
Sotavento	»	60\$00	—	—	
Braga	»	90\$00	32\$50	65\$00	
Beir. Lit. R. C.	»	100\$00	35\$00	60\$00	
Maçã. . .	Baixo Douro	»	60\$00	15\$00	40\$00
		Alto Douro	»	140\$00	20\$00
Leiria	N.º 1	20\$00	—	—	
Ribatejo	Cx. n.º 1	40\$00	—	—	
Pêssego.	Mirandela	Cx. n.º 1	100\$00	70\$00	90\$00
		Oeste	Cx. n.º 1	60\$00	50\$00
Baixo Douro	Cx. n.º 1	100\$00	—	—	
	N.º 2	240\$00	110\$00	110\$00	
Limão. .	Baixo Douro	N.º 1	80\$00	70\$00	80\$00
		N.º 2	150\$00	60\$00	150\$00
Alto Douro	»	145\$00	120\$00	130\$00	
Figo.....	Alto Douro	»	70\$00	30\$00	50\$00
		Baixo Douro	N.º 1	50\$00	—
»	N.º 2	80\$00	—	—	
			Por quilograma		
Banana. .	Funchal		6\$00	—	—
Tomate..	Tavira		2\$50	—	—
Feijão V.	Gaia		3\$00	—	—
Cereja. .	Alto Douro		6\$00	2\$50	6\$00
		R. Concelho		4\$00	—
Uva.	Algarve		15\$00	7\$50	8\$00
Melão....	»		3\$00	2\$50	3\$00
Melancia	»		2\$00	1\$80	2\$00

NOTA — N.º (1) São cabazes com o peso de 15 a 22 quilos
 » (2) » » » » » 20 a 30 »
 Cestas » » » » » 20 a 25 »

Senhor OLIVICULTOR

Não permita que a MOSCA DA AZEITONA origine prejuízos como na campanha oleícola de 1959

Faça como os olivicultores progressivos que a combateram com

R O G O R

e obtiveram:

- azeitonas sãs
- azeite de nula ou baixa acidez
- azeite em maior quantidade
- azeite sem qualquer resíduo tóxico

R O G O R

O INSECTICIDA:

MAIS ECONÓMICO
MAIS SEGURO
MAIS EFICAZ

PARA O COMBATE À MOSCA DA AZEITONA

R O G O R

8674

Um produto Montecatini distribuído em Portugal e no Ultramar pela UNIFA—Rua da Prata, 250—LISBOA

A' venda em todos os Depósitos e Revendedores da
COMPANHIA UNIÃO FABRIL

OS CITRINOS

PELO

ENGENHEIRO
AGRÔNOMO

J. Duarte Amaral



Nas suas 640 páginas, profusamente ilustradas, trata exhaustivamente da cultura dos citrinos, de que, como se afirma no II Plano de Fomento, poderemos exportar 10 a 20 mil toneladas anuais, com largo benefício para os produtores.

Mas para se atingir esta exportação, impõe-se seguir, e com urgência, outros processos de cultura, pois com os laranjais que actualmente possuímos e com os métodos empregados, jámais poderemos, como se impõe, enviar para mercados externos produto em quantidade e qualidade.

Todo o lavrador desejoso de modificar os processos culturais que até agora tem adoptado na produção de laranja, deverá ler

OS CITRINOS

a obra mais completa, que entre nós se tem publicado, sobre a produção de **laranja, tangerina, limão** e outros citrinos.

Preço, à cobrança — Esc. 115\$00

Pedidos à *Gazeta das Aldeias*



Srs. Lavradores!

Defendam as suas vinhas do
míldio, pulgão e oídio
usando com resultados garantidos

COBRE · DDT · ENXOFRE

Bug  **Buster**

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES,
Sociedade Transoceânica, Lda.

Insecticidas • Fungicidas • Herbicidas • Raticidas

Trav. Henrique Cardoso, 19-B — LISBOA

INSECTICIDAS



FUNGICIDAS

D. D. T. - LINDANE - B. H. C. - CHILORDANE - COBRE -
ENXOFRE - LESMOL - DIELDANE - D. N. C. - LANDISAN

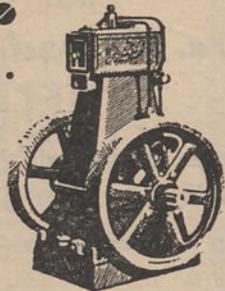
Bug  **Buster**

Importadores e Distribuidores:

SOCIEDADE TRANSOCEÂNICA, LDA.

Travessa Henrique Cardoso, 19-B — LISBOA

38700



Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FACILS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 R. dos Correios LISBOA
12 P. da Batalha PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

UM SEGURO CONTRA A SECA! REGA POR ASPERSÃO "MANNESMANNREGNER"



CONSULTE A FIRMA ESPECIALIZADA

3664

SOC. LUZIMPOR, LDA.

Rua Victor Cordon, 36, 1.º Esq.

Telef. 21689/28142 - LISBOA-2

ESTUDOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

ENTREGAS IMEDIATAS



Funda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

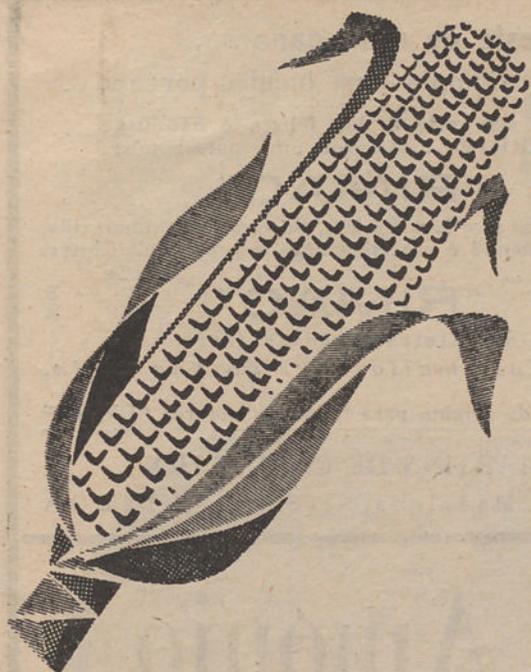
Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 - PORTO

Telefone, 22908

1701





NA CULTURA DO MILHO DE REGADIO

Empregue em cobertura um adubo que lhe dê todas as garantias, ou seja, o

NITRATO DO CHILE ÚNICO NATURAL

3671

- GRANULADO ESPECIAL — fácil e cómoda aplicação
- NÃO ACIDIFICA AS TERRAS
- EXIGE MENOS REGAS PARA DAR EFEITO
- GARANTE A FERTILIDADE DOS SOLOS GRAÇAS AO EFEITO DO SÓDIO E DE MAIS 30 ELEMENTOS RAROS QUE CONTÊM
- AZOTO EXCLUSIVAMENTE NÍTRICO — MÁXIMA EFICIÊNCIA



À VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS
DE ADUBOS, GRÊMIOS DE LAVOURA E DEPÓSITOS DO
DISTRIBUIDOR GERAL — A COMPANHIA UNIÃO FABRIL



Marca registada

Quem veste de ruim pano . . .

Compra uma bomba por anc . . .

Sim, mas este é dos felizes e não usa
BARRETE . . . comprou uma moto-bomba

"RIMAC"

A bomba que tem FAMA, porque dura uma vida,
tira água quando é preciso e rega pelo preço da Chuva.

"RIMAC"

é construída inteiramente de ferro e
Vale muito mais do que custa.

Acessórios de origem para todos os motores "Clinton"

MARTINS DE CARVALHO

Rua da Madalena, 138-144 — LISBOA

3656

Sulfato de Amónio

DO

Amoníaco Português



É A SUA MARCA

3104

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

GOOD YEAR

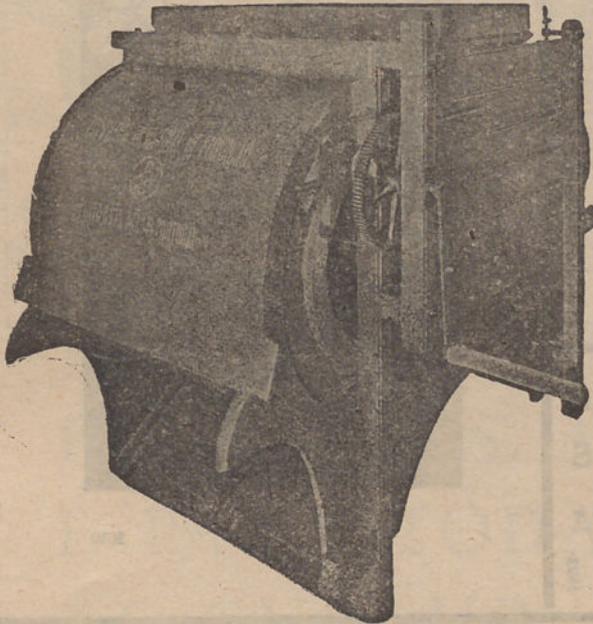
Distribuidores exclusivos: Canelas & Figueiredo, Lda. — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

3643



COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

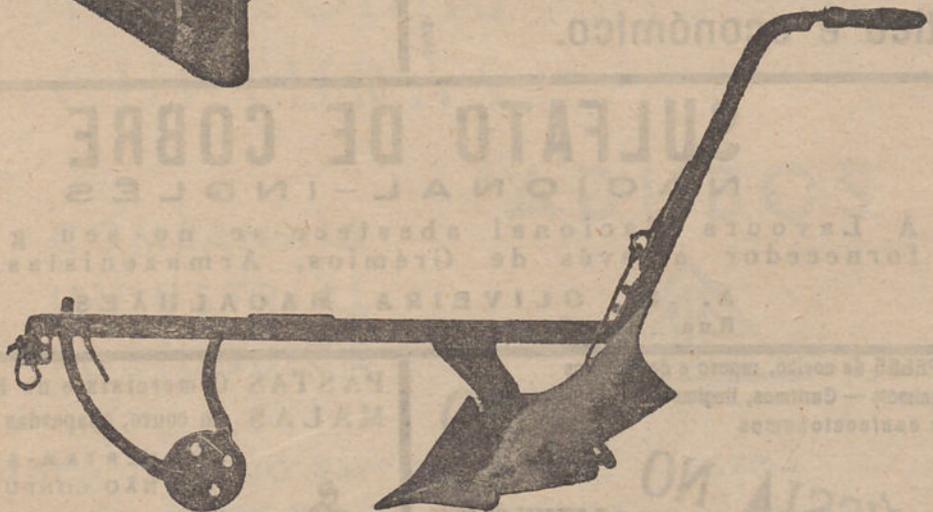
S. A. R. L.



CHARRUAS
DESCAROLADORES
TARARAS

TUDO O MATERIAL
AGRÍCOLA

Dirija
as
suas
consultas
à



Rua de S. João, 17 a 21—**PORTO**—Telefone P. P. C.

24927
24928
24929

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Cenologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prá-
tico e económico.

1593

O grande perigo:

Cansaço
quando
se guia!



Cafiaspicina®

refresca,
combate
o cansaço e
as dores de cabeça



3640

SULFATO DE COBRE NACIONAL-INGLÊS

A Lavoura Nacional abastece-se no seu grande
fornecedor através de Grémios, Armazenistas, etc.

A. D. OLIVEIRA MAGALHÃES
Rua de Santa Catarina, 915—PORTO

3645

PESES de coelho, raposa e de todos os
animais — Curtilmos, lingümos
e confeccionamos

RÚSSIA NO PORTO

Raposas
e casacos de peles
aos melhores preços.
R. Fernandes Tomás, 561-Porto
(Álamo da Capela das Almas)
Telef. 22960 2118

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONSERVAM-SE MALAS
NÃO CONFUNDIR

José Apolinário
31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636—PORTO



1943



EM TODAS AS TERRAS
E PARA TODAS
AS CULTURAS

COMPANHIA
INDUSTRIAL
PORTUGUESA

ADUBOS



SEDE • 17, R. DO VALE DO PEREIRO • LISBOA
FÁBRICAS NA PÓVOA DE SANTA IRIA

8681



Companhia Horticola- Agrícola Portuense, Limitada

O estabelecimento Horticola mais
antigo e completo da Península
Fundado em 1849

Adubos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico orgânicas — *Árvores florestais e de fruto* — *Oliveiras e videiras* — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — *Sementes de horta e forragens* — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis * *Batata de semente* — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das variedades mais produtivas e mais acreditadas no nosso País.

2096 Catálogos grátis a quem os requisitar

QUINTA DAS VIRTUDES

Rua Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO
Telefone, 21632 Telegramas: · HORTICOLA — PORTO ·



LEVANTA AS FORÇAS CAÍDAS

UM TÓNICO DE EFICÁCIA
LARGAMENTE COMPROVADA

FRAQUEZA GERAL · ANEMIA · CONVALESCENÇAS

ESTIMULA O APETITE E
REVIGORA OS ORGANISMOS DEPAUPERADOS

2645

TUBAGENS PLÁSTICAS

Mangueiras em borracha ou plástico para: pulverização, rega de jardins, vinhos, ácidos e canalização de água potável, chupadores de borracha ou em plástico, etc. Telas em plástico ou borracha. **Assentos em plástico** para retretes. Baldes, jarros, bacias, funis. Capas e fatos impermeáveis para homem, senhora e criança, etc. Botas de borracha «Dunlop» e nacionais para homem, senhora e criança em todos os tipos. **Bonecas de borracha. Colchões e almofadas em borracha «Espuma».** Bolas e câmaras de ar para Futebol. **Vedantes esponjosos** e não esponjosos para portas e janelas de automóveis e casas, capas para pedais, etc. Tapete estriado para automóveis. Suportes para telefones. Meias elásticas, etc. **Borrachas para todos os fins.**

«JULINA» A MELHOR TINTA A ÁGUA PARA PAREDES INTERIORES

Baldes plásticos de 6 a 7 litros a Esc. 13\$50

A CENTRAL DA BORRACHA

DE = **Armindo Mendes**
Trav. dos Clérigos, 1 a 5 — PORTO — Tel. 27585

3656

O MELHOR CAFÉ

É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drograrias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

**Vicente Ribeiro
& C.ª**

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º

LISBOA

2692

* COSSONAY (SUIÇA) * OSLO * S. PAULO *

LONDRES * ANVERS * ARCISATE (ITÁLIA)

YARMOUT (CANADA) * VIENA * MADRID * ATENAS



Um simbolo de confiança na alimentação do gado e das aves.

PROVIMI—PORTUGUESA
Concentrados para Alimentação de Animais, L.^{da}

Rua do Machado, 47 — Carnide
LISBOA

Fabricantes-Concessionários em várias regiões do País

* CASABLANCA * ROTTERDAM * PARIS/CROIX *



A vende em todas as Farmácias

3384

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoria e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1523

MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

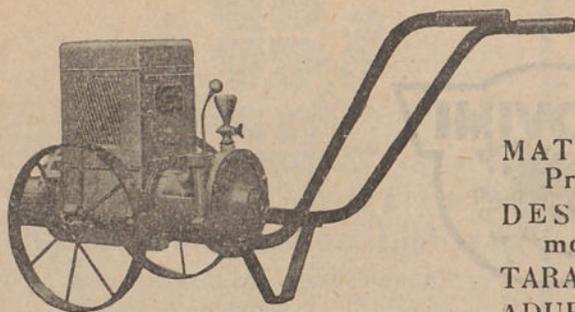
Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicílio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.

ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605



MOTORES E GRUPOS MOTO-
-BOMBAS (Bernard).
SEMEADORES E SACHADORES
(Planet).

MATERIAL VINÍCOLA - Esmagadores,
Prensas, Cinchos, etc.

DESCAROLADORES (manuais e a
motor).

TARARAS - para limpeza de cereais.

ADUBOS - para todas as culturas.

SEMENTES - das melhores procedências para horta, prado e jardim.
INSECTICIDAS, etc., etc.

PEDIDOS AO

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

Telefs. 25865/6 * R. Santa Catarina, 309 - PORTO * Telegr. «Agros»

2747

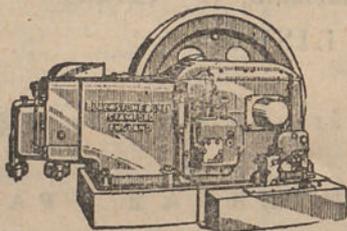
Jóias-Pratas
Mármore-Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

3056

**Ourivesaria
ALIANÇA**

PORTO
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

Lister-Blackstone

Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 - Telefone, 26001/2 - PORTO

2177



À LAVOURA

PODEROSO INSECTICIDA para todas as culturas

Pó Flecha D. D. T. a 5%, a 10%, a 20% e 50%.

Pó Flecha Lin-Exano a 6 e 10% de LINDANE

Pó Flecha-Exano a 1 e 6% de B. H. C.

Emulsão Flecha-Clor à base de chlordane

Emulsão Flecha-B à base de Lindane

Fungicida Cobregran 50 - 50% de cobre «à base de Malation»

Para o extermínio das pragas das Vinhas, Batatais, Hortas e Pomares

À VENDA NAS BOAS CASAS

Tudella & Esteves, Lda. - Praça da Alegria, 40-A - LISBOA

3661



FIAT

t r a c t o r e s
a g r í c o l a s
e
i n d u s t r i a i s

A MAIOR LINHA DE TRACTORES DA EUROPA



MODELO 411 R

40 H. P. efectivos * 6 velocidades à frente e 2 atrás * Velocidade de 2,2 a 22,9 km/hora * Diferencial blocável * Duas tomadas de força * Comando hidráulico automático de esforço e posição controlada

VASTA GAMA DE ALFAIAS PARA TODOS OS TRABALHOS

1919 - 1960: 41 anos de experiência

MONTEIRO GOMES, LIMITADA

RUA CASCAIS, 47 (ALCÂNTARA)
LISBOA

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 309-3.º
PORTO

8679

Agências: Vila Franca de Xira, Beja,
Porto, Faro, Luanda e Lourenço Marques

Agências: Évora, Santarém, Torres No-
vas, Torres Vedras e Caldas da Rainha

Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA—TELEFONE 368989

3165